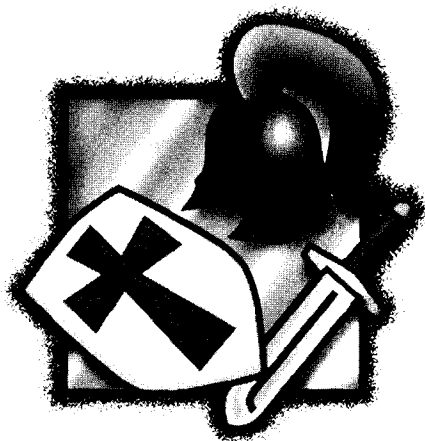


A MAIOR LUTA DO MUNDO



CHARLES H. SPURGEON

EDITORA FIEL

A MAIOR LUTA DO MUNDO

Anteriormente publicado em português sob o título:
Firmes na Verdade

Traduzido do original em inglês:
The Greatest Fight in the World

Copyright © Editora Fiel

Primeira edição no Brasil — 1995

Todos os direitos reservados. É proibida a
reprodução deste livro, no todo ou em parte,
sem a permissão escrita dos Editores.

Editora Fiel

Caixa Postal 81
São José dos Campos, SP
12201-970
Brasil AS

ÍNDICE

Prefácio 5

Introdução 9



O Nosso Arsenal 15



O Nosso Exército 49



A Nossa Força 61

Apêndice 79

PREFÁCIO

No ano anterior à sua morte, em 1892, Spurgeon realizou uma palestra no College Conference, que se intitulava: “A Maior Luta do Mundo”. Essa palestra foi recebida com enorme entusiasmo por um grande número de pessoas presentes, e, no final do encontro, muitos pediram a sua imediata publicação.

Esta publicação, sob o título “A Maior Luta do Mundo”, foi tão bem aceita que acabou sendo traduzida em outras línguas e teve várias edições em inglês. Depois da morte de Spurgeon, um de seus amigos conseguiu que todos os pastores da Inglaterra recebessem uma cópia do livro. Essa edição especial recebeu o título “Último Manifesto de C.H. Spurgeon”; um título adequado a uma das últimas de suas obras, visto que transmite as convicções de uma vida, no que diz respeito à grande e central questão — a fé.

É significativo o fato que Spurgeon proferiu as palavras contidas neste livro quando esteve envolvido na “Polêmica de Down-Grade”.¹ Isto começou em 1887, quando Spurgeon contendeu com a então chamada “União Batista” acerca da infidelidade em relação às verdades básicas do evangelho. Ele demitiu-se da União Batista em outubro daquele ano, e daí surgiu o que para ele foi a maior luta do mundo — a luta pela fé. Tanto o título deste livro, como as três questões nele tratadas — o nosso arsenal (a Bíblia), o nosso exército (a Igreja) e a nossa força (o Espírito Santo) — foram extremamente relevantes na época e continuam relevantes hoje.

Durante a “Polêmica de Down-Grade”, Spurgeon declarou: “Nós estamos descendo a ladeira a uma velocidade suicida”. Esta tornou-se uma afirmação profética para os nossos dias. Como sabemos, estamos assistindo a uma virtual desintegração da doutrina evangélica.

A velha doutrina evangélica deu lugar à “nova doutrina evangélica”, que compromete a infalibilidade da Palavra de Deus, sustenta a teoria da evolução e despreza as doutrinas da graça. É maravilhoso notar as observações que Spurgeon faz neste livro sobre a “mitologia da ciência”. Os cientistas têm de retificar constantemente as suas teorias, ao passo que nós, quando nos debruçamos sobre a Bíblia, debruçamo-nos sobre o livro divino, o qual, por ser o livro de Deus, é infalível e inalterável.

Há muitos crentes que, sob certa influência, tendem a comprometer essa verdade, concedendo à ciência uma autoridade maior do que às Escrituras. Os nossos filhos, ao regressarem da escola, dizem-nos que o professor ensinou que as histórias de Adão e Eva, Noé e o dilúvio, Jonas e o peixe, bem como os milagres, não passam de mitos. Spurgeon nos diz onde começa a descrença, ou seja, começa quando se deixa de reconhecer o caráter divino das Escrituras. A melhor maneira de olhar a Bíblia é vê-la como uma revelação dos céus, que registra os poderosos atos de Deus ao longo da história. Seria incompatível com a revelação bíblica, se não acreditássemos nas intervenções de Deus no espaço, no tempo e na história.

Há uma ilustração nesta obra que nos inspira respeito e, ao mesmo tempo, um certo temor; é aquela que descreve a jornada de uma carruagem pelas estepes russas: os cavalos estão sendo impetuosamente conduzidos, enquanto os lobos estão atrás deles e já muito perto. Para satisfazê-los fazem-se vários sacrifícios; e Spurgeon faz a aplicação: “Lancem fora a eleição e o calvinismo, e logo haverá uma deliciosa

refeição para os lobos; e aqueles que nos dão esse prudente conselho, ficarão alegres por verem a destruição das doutrinas da graça. Lancem fora as doutrinas da depravação total, do castigo eterno e da eficácia da oração, e assim aliviarão maravilhosamente a carruagem!”

Infelizmente temos assistido a sacrifícios como estes e, em consequência, vemos também a trágica apostasia das denominações e das igrejas. Mas Spurgeon não trata apenas das principais causas da nossa queda. Ele continua a mostrar o principal objetivo da igreja. Ele afirma que as igrejas devem ser autênticas, igrejas de crentes verdadeiros, e não igrejas em que os crentes são apenas nomes escritos nos livros de registro. Ele luta por congregações ativas, empenhadas na oração, congregações santas, bem instruídas na palavra divina e que tenham espírito missionário. Igrejas como estas, que estão fundamentadas nas velhas verdades que Spurgeon proclamou, estão nascendo atualmente.

A ênfase de Spurgeon foi nitidamente anticarismática, em relação às características desse movimento nos dias de hoje; no entanto, ele atribuiu uma importância máxima à ação do Espírito Santo. De maneira profética, ele toca os pontos mais importantes: a pregação e a regeneração. Onde estão os pregadores cheios do Espírito de Deus, cujas mensagens são instrumentos do Espírito Santo na regeneração de pecadores?

A ênfase que surgiu na época, e que se tornou predominante em nossos dias, é o evangelismo de entretenimento, o qual se preocupa mais com as decisões do que com a regeneração e o arrependimento.

Quão gratos devemos ser pelo testemunho do Príncipe dos Pregadores, quão gratos por essa última e grande posição por ele assumida e pela clareza de suas afirmações, quando se empenhou na grande luta. E a batalha não foi

em vão. Nós continuamos envolvidos na maior luta do mundo e, pela graça de Deus, teremos em breve uma grande vitória.

Erroll Hulse

1 Controvérsia surgida quando Spurgeon denunciou o declínio nas doutrinas da graça, entre os batistas de seu tempo, caindo eles no liberalismo.

INTRODUÇÃO

Desejo apenas que todas as nossas orações sejam ouvidas rápida e abundantemente e que muitas outras orações sejam acrescentadas às que já oferecemos. A parte mais memorável das últimas conferências é a que se refere à santa comunhão, no poder da oração; espero que possamos manter a nossa posição e crescer com mais fervor e maior persistência na oração. O crente é invencível quando dobra os seus joelhos.

Antes de desenvolver esta mensagem, meditei nela durante muitos meses e tenho a certeza de que é o fruto de muita oração.

Gostaria de poder pregar bem numa ocasião tão importante e utilizar a melhor linguagem possível; no entanto, como dizia um de nossos irmãos ao orar, desejo estar inteiramente nas mãos do Senhor, não só neste assunto como em qualquer outro. Eu até nem hesitaria em gaguejar, se isso contribuísse para realizar melhor o propósito de Deus; até perderia de bom grado todo o poder de comunicação, se, pela ausência de palavras humanas, vocês se alimentassem melhor com aquele alimento espiritual que só nEle encontramos e que é a Palavra do Deus que se fez carne.

Visto que me dirijo a comunicadores, posso dizer que estou convencido de que devemos preparar-nos diligentemente e tentar fazer o melhor no serviço do nosso grande Mestre.

Creio que aprendi isso quando li sobre um grupo de heróis gregos que, ao guerrearem contra os persas, defen-

deram um desfiladeiro. Dizia o autor que um espião, depois de ter visto o que se passava, voltou ao seu grande rei, a fim de lhe contar como os inimigos eram criaturas miseráveis, porquanto estavam preocupados com o arranjo dos seus cabelos.

O monarca, contudo, viu os fatos à verdadeira luz, quando compreendeu que, se um povo se ocupava com o arranjo dos cabelos antes de ir para a batalha, era porque dava grande valor às suas cabeças e não se curvariam a uma morte covarde. Se formos muito meticulosos em empregar a nossa melhor linguagem, quando da proclamação das verdades eternas, levamos os nossos adversários a concluir que somos ainda mais cautelosos com as próprias doutrinas. Não devemos ser soldados negligentes, quando temos à nossa frente uma grande batalha, porquanto isso seria desanimador. Temos de avançar sem medo para a luta contra as falsas doutrinas, contra o mundanismo e contra o pecado, e, por conseguinte, a nossa linguagem não deve ser o fruto de fervor desorganizado, mas de princípios bem sólidos. Não deve ser desordenada, visto que almejamos ser vencedores. Executem bem o trabalho, no presente, para que todos vejam que vocês têm a intenção de nunca se afastarem do objetivo.

Em outra ocasião, o persa, ao ver um pequeno grupo de guerreiros, disse: “Aquele grupinho de homens! Certamente não pensam em lutar!” No entanto, um que estava perto dele, respondeu: “Sim, eles têm isso em mente, visto que poliram os seus escudos e lustraram as suas armaduras”. Acreditem, o homem de ação é reconhecido pelo fato de não permitir que ninguém o desvie do seu caminho. Sempre que os gregos se preparavam para um dia sangrento mostravam-se bem adornados, pois entre eles era esse o modo de revelar a sua glória como guerreiros. Eu penso, irmãos, que quando temos de fazer uma grande obra para

Cristo, e intentamos fazê-la, não devemos ir para o púlpito ou para a plataforma da frente e dizer a primeira coisa que nos vem à boca. Se falamos em nome de Jesus, devemos fazê-lo da melhor maneira possível, apesar de, bem o sabemos, os homens não serem atingidos pelo brilho dos escudos, nem pela beleza dos cabelos; é necessário, porém, um poder maior para penetrar nas armaduras. Elevo os meus olhos para o Senhor dos exércitos. Que Ele defenda o justo! Mas eu seguirei em frente, com todo o cuidado e sem a mínima dúvida. Nós somos fracos, mas o Senhor nosso Deus é poderoso, e a batalha é mais dEle do que nossa.

Tenho apenas um receio, e este até certo grau. Desejo grandemente que o meu profundo senso de responsabilidade não prejudique a minha eficiência. Uma pessoa pode sentir que deveria fazer algo tão bem que, por esse mesmo motivo, não chegue a fazer o que poderia ter sido feito. Um excessivo senso de responsabilidade pode levar à estagnação. Uma vez indiquei certo jovem para trabalhar em um banco; os seus amigos admoestaram-no então no sentido de ser cuidadoso com os números. O rapaz ouviu o conselho muitas e muitas vezes e procurou ser tão eficiente que começou a ficar nervoso. Embora tivesse sido eficiente no passado, agora, levado pela ansiedade, fazia um erro atrás do outro e acabou mesmo deixando o emprego. É muito natural que a preocupação com o assunto que se vai tratar, e com o modo como isso será feito, gere um constrangimento que nos leve a omitir precisamente aqueles pontos que consideramos mais importantes.

Irmãos, estou contando alguns dos meus pensamentos mais íntimos, porque temos muito em comum no que se refere à nossa vocação; e tendo as mesmas experiências, faz-nos bem compartilhá-las. Nós, os que lideramos, temos as mesmas fraquezas e os mesmos problemas que os que

são conduzidos. Nós temos de nos preparar, mas temos também de confiar nAquele sem o qual nada pode começar, continuar ou terminar acertadamente.

Sinto-me consolado pelo fato de saber que, ainda que eu não fale adequadamente sobre o meu tema, o próprio assunto em si já lhes transmitirá alguma coisa.

Já existe algo de positivo quando principiamos um bom tema. Não se deve falar sobre um assunto que não tenha importância prática. Como dizia alguém, no passado: “É inútil abordar-se um tema que em si mesmo não é relevante”. Ainda que se tente lapidar muito habilmente um carço de cereja, ele não passará de um carço de cereja; enquanto que um diamante, ainda que mal lapidado, será sempre uma pedra preciosa. Se um assunto for deveras importante, nunca será em vão chamar a atenção para ele, ainda que a pessoa não consiga falar muito bem sobre o tema. Os assuntos sobre os quais refletiremos devem ser considerados de maneira séria e urgente. Escolhi verdades atuais e necessárias, e, se entendermos o que elas são para nós, veremos que não perdemos nosso tempo em ouvi-las. Com que íntimo fervor eu oro, de tal maneira que todos possamos tirar proveito desta hora de meditação!

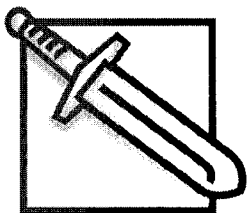
Felizmente os temas são tais que eu posso exemplificá-los até mesmo nesta mensagem. Tal como o ferreiro ensina ao seu aprendiz, enquanto vai fazendo a ferradura, pelo próprio ato de fazê-la, assim também podemos fazer dos nossos próprios sermões exemplos das doutrinas que eles contêm.

Neste caso, se o Senhor estiver conosco, podemos praticar enquanto pregamos. Um mestre de cozinha instrui os seus alunos, seguindo as suas próprias receitas. Ele prepara um prato diante da audiência e, enquanto descreve os ingredientes e o modo de preparar, ele próprio vai provando a comida e oferecendo-a igualmente aos seus

amigos. Ele terá êxito por causa de seus pratos saborosos, embora possa não ser um homem eloquente. O homem que serve refeições está mais seguro do seu êxito do que aquele que toca bem um instrumento, pois este não deixa nenhuma recordação, salvo a de um som agradável. Se os assuntos que apresentamos às pessoas forem em si suficientemente bons, eles compensarão a nossa falta de habilidade quanto ao modo de apresentá-los. Logo que os convidados absorvem o alimento espiritual, aquele que serve à mesa fica feliz por ser esquecido.

Os temas por mim tratados têm relação à obra de nossa vida: a cruzada contra o erro e o pecado, na qual estamos envolvidos. Espero que todos aqui se revistam da cruz em seu coração, e estejam empenhados em trabalhar e enfrentar perigos por Cristo e por sua cruz, e não descansem enquanto não virem a derrota de todos os inimigos de Cristo e a plena satisfação da vontade d'Ele. Os nossos pais costumavam falar sobre "A Causa de Deus e da Verdade". Realmente, é por este motivo que estamos armados, os poucos contra os muitos, os fracos contra os fortes. Oh! sermos considerados bons soldados de Jesus Cristo!

Há três coisas da maior importância neste momento; na verdade, elas sempre estiveram e hão de estar na linha de frente, pela sua utilidade prática. A primeira é o *nosso arsenal*, que é a Palavra inspirada; a segunda é o *nosso exército*, a igreja do Deus vivo, chamada por Ele próprio e que devemos dirigir sob as ordens de nosso Senhor; e a terceira é a *nossa força*, com a qual usamos o escudo e empunhamos a espada. O Espírito Santo é a nossa força para atuarmos, sofrermos, servirmos, lutarmos e vencer-mos. Este terceiro tema é de importância vital; e, ainda que o coloquemos em último, devemos classificá-lo em primeiro.



O NOSSO ARSENAL

Vamos começar com *o nosso arsenal*. Este arsenal, para mim, é a Bíblia — e espero que o seja para cada um de vocês. Para nós, a Sagrada Escritura é como “a torre de Davi, edificada para arsenal; mil escudos pendem dela”, que são a defesa dos homens poderosos (Ct 4.4). Se quisermos armas temos de buscá-las nas Escrituras e *só nas Escrituras*. Quer busquemos a espada de ataque, quer o escudo de defesa, nós os encontraremos somente nas páginas do Livro inspirado. Se outros têm qualquer outro paiol, eu confesso desde já que não tenho. Se eu puser de lado este Livro, não tenho mais nada para pregar. E, na verdade, não terei mais desejo de pregar, se não puder continuar a expor os assuntos que encontro nestas páginas. Há mais alguma coisa que valha a pena ser pregada?

Irmãos, a verdade de Deus é o único tesouro que procuramos, e a Escritura é o único campo onde podemos cavar para encontrá-lo. *Nós não necessitamos nada mais do que aquilo que Deus achou próprio revelar*. Há certas pessoas de espírito errante, que só se sentem bem quando saem a vaguear em todas as direções: elas anseiam por algo que, penso eu, nunca encontrarão enquanto tiverem essa inclinação, quer seja no alto dos céus, quer debaixo

da terra, quer nos mares. Elas nunca descansam, porque não querem aceitar uma revelação infalível; por conseguinte, estão destinadas a vagarear através dos tempos e da eternidade, sem encontrarem uma cidade onde habitar.

Elas regozijam-se momentaneamente, como se ficassem satisfeitas com o seu último brinquedo; mas, dentro de alguns meses, divertem-se em despedaçar todas as noções que anteriormente tinham ostentado com prazer. Sobem a um monte, apenas para descerem de novo. De fato, essas pessoas dizem que a busca da verdade é melhor do que a própria verdade. Elas gostam mais de pescar do que do próprio peixe; o que pode muito bem ser verdade, visto que o seu peixe é pequeno e cheio de espinhas. Estes homens são tão hábeis em destruir as suas próprias teorias como o são certos mendigos em rasgar as suas próprias roupas. Começam sempre de novo, vezes sem conta; estão sempre a cavar os alicerces de sua própria casa. Eles devem ser bons em construir alicerces, porque desde que os conhecemos nunca passaram do início. Eles são como um objeto rodopiando ao vento, ou “como o mar agitado por longos períodos, cujas águas lançam à superfície lodo e sujeira”. Embora a sua nuvem não seja aquela que manifesta a presença divina, sempre está se movendo diante deles. Mal acabam de levantar a sua tenda e é tempo de mudar novamente. Estas pessoas nem sequer estão procurando uma certeza; o seu prazer consiste em evitar toda a verdade estabelecida e em procurar qualquer vislumbre de especulação; estão sempre aprendendo mas nunca chegam ao conhecimento da verdade (2 Tm 3.7).

Quanto a nós, ancoramos no porto da *Palavra de Deus*. Aqui estão a nossa paz, a nossa força, a nossa vida, o nosso estímulo, a nossa esperança, a nossa felicidade.

A Palavra de Deus é o nosso ultimato. Nós a temos aqui. A nossa razão grita: “Achei!”; a nossa consciência

afirma que *a verdade* está ali; o nosso coração pode canalizar para a Palavra todas as afeições e, por conseguinte, nós descansamos.

Se a revelação de Deus não fosse suficiente para a nossa fé, que mais se poderia acrescentar? Quem pode responder a esta pergunta? O que poderia qualquer homem acrescentar à Palavra Sagrada? Um pensamento momentâneo nos levaria a rejeitar com desprezo quaisquer palavras humanas, por mais atraentes que fossem, caso se propusesse acrescentá-las à Palavra de Deus. O tecido não consistiria em uma só peça. Poderia alguém pôr remendo numa vestimenta real? ou até mesmo juntar a imundície das ruas ao tesouro de um rei? Seria ainda alguém capaz de misturar as pedrinhas de uma praia aos diamantes de uma mina repleta de riquezas. Parece extremamente absurdo pensarmos em pregar qualquer outra coisa que não seja a Palavra de Deus. No entanto, enfrentamos uma geração de homens que estão sempre a querer descobrir, para as suas igrejas, um novo estimulante e um novo evangelho. A colcha de suas camas parece não ser suficientemente longa, e eles não hesitariam em pedir emprestado um ou dois metros de linho ou lã aos ecumênicos, aos agnósticos ou até mesmo aos ateístas.

Bem, se houver qualquer força espiritual ou poder celestial além do que é relatado neste Livro, penso que podemos bem passar sem eles; na realidade, representariam tal ignomínia que estaríamos melhor sem eles. A Escritura, no seu próprio campo, é como Deus no universo — auto-suficiente. Nela são revelados todo o poder e luz que o homem carece em sua vida espiritual. Ouvimos falar de outro poder movedor além daquele que está nas Escrituras, mas acreditamos que tal força não passa de uma vã pretensão.

Imaginemos que um trem descarrilhou ou que, por algum motivo, está impossibilitado de prosseguir viagem,

e um grupo de operários chega para eliminar os problemas. Trazem as máquinas para remover o grande obstáculo. A princípio parece não haver o mais leve movimento; a força da máquina não é suficiente. Mas... ouçam! um garotinho teve uma idéia e exclama: “Pai, se as máquinas não têm força suficiente, vou emprestar-lhes o meu cavalo de balanço para ajudá-las”. Ultimamente nós também temos tido a oferta de um bom número de cavalos de balanço. Eles prometem muito, mas não têm feito muita coisa concreta. Eu creio que o seu efeito seja mais para o mal do que para o bem; eles só têm levado as pessoas à crítica e têm-nas conduzido igualmente para fora dos locais de oração, nos quais outrora eles se congregavam com prazer. Novos brinquedos têm sido apresentados, e as pessoas, depois de os contemplarem por alguns momentos, logo se dirigem a outras lojas do gênero.

Essas novidades vãs não têm feito bem algum, nem jamais farão enquanto o mundo existir. A Palavra de Deus tem sido suficiente para interessar e abençoar a alma humana ao longo dos tempos; as novidades, todavia, rapidamente perecerão.

“Certamente”, pode dizer alguém, “nós precisamos acrescentar as nossas próprias idéias”. Meu irmão, você pode pensar de todas as maneiras possíveis; no entanto, os pensamentos de Deus são melhores que os seus. Você pode revelar bons pensamentos, tal como as árvores no outono lançam as suas folhas; há, no entanto, Um que conhece mais acerca dos seus pensamentos do que você mesmo e Ele acha que os mesmos valem bem pouco. Lemos que “o SENHOR conhece os pensamentos do homem, que são pensamentos vãos” (Sl 94.11). Seria completamente absurdo comparar os nossos pensamentos com os grandes pensamentos de Deus. Você acenderia uma vela para iluminar o sol? Ou usaria o seu nada para completar o Todo Eterno?

É melhor estarmos silenciosos perante o Senhor do que imaginarmos poder acrescentar algo ao que Ele disse. A Palavra do Senhor está para as concepções humanas como um jardim para um deserto. Se, ao nos abrigarmos no jardim do Livro Sagrado, estamos na terra que mana leite e mel, por que acrescentar-lhe areias do deserto?

Procurem não tirar nada do livro perfeito. Não o alterem, e que ele sirva à sua pregação segundo a proporção da sua fé. Aquilo que é digno da revelação de Deus é digno de nossa pregação; eu é que não sou digno de pregá-la, mas isso é mais uma razão para eu desejar fazê-lo. O homem viverá de toda a palavra de Deus (Mt 4.4).

Toda a palavra de Deus é pura, e Deus é escudo para os que nEle confiam (Pv 30.5). Devemos deixar toda a verdade revelada manifestar-se no tempo apropriado. Não busquemos assunto em qualquer outro lugar; com tão imensa vastidão, não haverá necessidade de assim procedermos; com uma verdade tão gloriosa para pregarmos, será grande perversidade se não a aproveitarmos. Já testamos a adaptação de toda esta provisão à nossa luta, e podemos dizer: as armas do nosso arsenal são as melhores, porquanto já as utilizamos e chegamos a essa conclusão. Alguns de vocês, jovens irmãos, só puderam testar as Escrituras um pouco; mas alguns de nós, que já estamos ficando grisalhos, podemos assegurar-lhes que temos posto à prova a Palavra, tal como a prata é provada num forno de barro; e ela tem passado em todos os testes, até mesmo setenta vezes sete. *A Palavra de Deus tem suportado firmemente mais críticas do que as melhores teorias filosóficas ou científicas e tem sobrevivido a todas as provas.* Como disse um teólogo: “Quando morrerem aqueles que atacam a Palavra de Deus, os sermões de seus funerais serão baseados nessa mesma Palavra; nem um versículo será omitido, desde a primeira página de Gênesis até a

última de Apocalipse”. Alguns de nós têm vivido durante muitos anos, em conflito diário, pondo à prova a Palavra de Deus, e, com toda a honestidade, podemos dar-lhes a certeza de que ela é a mesma em qualquer emergência. Depois de usarmos esta espada de dois gumes sobre duras crostas e escudos de bronze, veremos que não haverá nela nenhum vestígio de lesão. Não se parte nem se torna áspera na luta. Ela poderia despedaçar o próprio inimigo, do cimo da cabeça à ponta dos pés, e, no entanto, ficaria completamente intacta. Ainda hoje, ela continua a ser exatamente a mesma Palavra, tão poderosa quanto o foi nas mãos de nosso Senhor Jesus. Ela nos fortalece, quando nos lembramos das muitas almas já conquistadas através da espada do Espírito! Alguém conhece ou já ouviu falar sobre alguma conversão provocada por qualquer outra doutrina, senão a que está na Palavra?

Gostaria de ter um catálogo contendo uma lista das conversões conseguidas pela teologia moderna. Eu adquiriria um exemplar de tal obra. Não sei o que poderia fazer com ela, depois de tê-la lido; mas, pelo menos, aumentaria a sua venda em um exemplar, só para ver o que os progressistas religiosos fingem ter feito.

Conversões por meio da doutrina da restauração universal! Conversões por meio da doutrina da inspiração duvidosa! Conversões ao amor de Deus, e à fé em Cristo, por ouvirem que a morte do Salvador foi apenas a consumação de um grande exemplo, e não um sacrifício de substituição! Conversões através de um evangelho que não tem nada do evangelho! Eles dizem: “As maravilhas nunca acabarão”; mas tais maravilhas nunca começaram. Deixem que eles falem de mudanças de coração efetuadas dessa maneira e verifiquem-nas quando tiverem oportunidade; então talvez possamos considerar se valerá a pena abandonar essa Palavra que temos experimentado, em centenas, em

milhares de casos, e que sempre reputamos como eficaz para a salvação.

Nós sabemos por que razão eles vêm com desprezo as conversões; elas são como uvas que tais raposas não podem alcançar, e, por isso, dizem que estão verdes. Visto que acreditamos no novo nascimento e esperamos vê-lo em milhares de almas, nós devemos apegar-nos à Palavra da verdade, através da qual o Espírito Santo opera a regeneração. Assim, na nossa luta devemos ter sempre a velha arma, a Espada do Espírito, enquanto não se encontrar outra melhor.

“Dê-me essa arma; não há outra igual”, é presente-mente o nosso veredito. Quantas vezes já constatamos que a Palavra é eficaz na consolação! Como um irmão se referiu em oração, é, de fato, difícil lidar com corações quebrantados. Como eu próprio me tenho sentido tolo, quando tento fazer alguém sair do castelo do gigante Desespero!¹ Como é difícil levar o abatido à esperança!

Como tenho tentado ganhar almas pelas artes que me são conhecidas! Mas quando meu objetivo parece estar quase alcançado, logo essas almas caem de novo no abismo. Tenho conseguido tirá-las dessa situação várias vezes, mas depois tenho de começar tudo novamente. O pecador condenado usa todas as espécies de argumento para provar que não pode ser salvo; as invenções dos desanimados são tantas quantos os conselhos de autoconfiança. Nenhuma luz consegue penetrar na escura cela da dúvida, a não ser que passe pela janela da Palavra divina. Nas Escrituras, há um bálsamo para todas as feridas e um remédio para todas as dores. Oh, como é maravilhoso o poder das Escrituras para criar a esperança na alma desesperada e para trazer luz eterna às trevas que escurecem o mais íntimo da alma! Muitas vezes temos experimentado a Palavra do Senhor como sendo “a taça da consolação”, e ela nunca deixou de

confortar o abatido. Nós sabemos o que dizemos, porque temos testemunhado as bênçãos. As Escrituras da verdade, aplicadas pelo Espírito Santo, têm trazido paz e alegria àqueles que estavam na escuridão e no vale da sombra da morte.

Nós também temos observado como a Palavra é excelente para edificar os crentes e para produzir almas retas, santas e úteis. Em nossos dias, há sempre alguém a falar-nos do lado “ético” do evangelho. Tenho dó daqueles para quem isto constitui uma novidade. Eles ainda não tinham descoberto isto? Nós sempre temos tratado do lado ético do evangelho; na verdade, achamos o evangelho totalmente ético. Não há uma doutrina verdadeira que não tenha produzido boas obras. Payson afirmou sabiamente: “Se há na Bíblia algum fato, ou alguma doutrina, ou promessa, que não tenha causado um efeito prático no seu temperamento ou no seu comportamento, fique ciente de que você não creu nisso verdadeiramente”.

Todos os ensinamentos das Escrituras têm o seu objetivo e os seus resultados práticos; e o que temos para dizer, não por invenção nossa mas por simples bom senso, é que, se temos tido menos frutos da árvore do que poderíamos desejar, não chegaremos mesmo a ter fruto algum, se a árvore desaparecer e se as raízes forem arrancadas. A verdadeira raiz da santidade está no evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; e, se ela for arrancada, tendo em vista uma maior abundância de frutos, cometeremos a maior loucura. Temos observado uma moralidade admirável, uma integridade firme, uma doce pureza, e, o que é mais importante, uma santidade fiel, todas produzidas pelas doutrinas da graça. Vemos consagração de vida, calma resignação na hora do sofrimento, confiança alegre em relação à morte; vemos estes frutos não só em algumas ocasiões, mas vemo-los como o resultado geral da fé

inteligente nos ensinamentos da Escritura. Não podemos deixar de ficar maravilhados com os efeitos santos produzidos pelo “antigo” evangelho. Ainda que estejamos habituados a vê-lo frequentemente, nunca perde o seu encanto. Temos visto homens e mulheres entregarem-se a Cristo e viverem para Ele, de uma maneira tal que têm levado os nossos corações a curvarem-se em adoração ao Deus da graça. Só podemos dizer: “Este tem de ser um evangelho verdadeiro, para produzir vidas como estas”. Se não temos falado tanto acerca de ética, como alguns, é porque nos lembramos daquele velho ditado, falado por pessoas do campo: “Vá a tal lugar para ouvir falar de boas obras, mas vá a outro para observá-las”. Muita conversa, poucas obras; muita fumaça, pouco fogo. Alguns têm pregado boas obras e só afastam as pessoas; enquanto outros têm pregado a graça e o grande amor de Deus, de tal maneira que os pecadores têm se tornado santos, e santos carregados de frutos, como galhos vergados pelo peso, para louvor e glória de Deus.

Tendo visto a colheita resultante de nossa semente, não vamos modificá-la segundo os ditames desta época cheia de caprichos.

Mas, acima de tudo, temos visto e experimentado a eficácia da Palavra de Deus, quando estamos junto à cama dos doentes. Alguns dias atrás, estive junto a um dos nossos irmãos mais velhos, que parecia estar moribundo, e conversar com ele era como o céu na terra. Nunca vi tanta alegria, nem em uma festa de casamento, quanto vi naquele quarto sereno. Ele esperava em breve estar com Jesus e se alegrava com a idéia.

Ele disse: “Não tenho nenhuma dúvida, nenhuma nuvem, nenhum problema, nenhuma necessidade; nem sequer tenho mesmo qualquer desejo. A doutrina que você tem ensinado tem-me servido para viver e, agora, serve-me

para morrer. Estou descansando no precioso sangue de Cristo, e isto é um fundamento firme”. Ele acrescentou: “Como me parecem loucas todas essas investidas contra o evangelho! Tenho lido algo e notado os ataques à antiga fé, no entanto, parecem-me totalmente absurdas, agora que estou às portas da eternidade. O que poderia a nova doutrina fazer por mim agora?” Saí daquela visita grandemente fortalecido e alegre, por causa do testemunho daquele bom homem, tanto mais porque eu mesmo estava confortado, pois a Palavra, que eu próprio pregara constantemente, tinha sido uma bênção para o meu irmão. Se Deus se revelara através de mim, um instrumento tão pobre, senti que a própria Palavra devia ser de fato boa. Mesmo estando em alegria, entre os jovens, nunca me sinto tão feliz como quando ouço o testemunho de um moribundo que descansa no evangelho eterno da graça de Deus. A última prova, como a que se vê à beira da cama do moribundo, é a prova verdadeira, como igualmente é um resultado inevitável. Preguem aquilo que leva os homens a enfrentarem a morte sem medo e vocês estarão pregando apenas o evangelho.

Irmãos, nós nos revestimos daquilo que Deus nos proporcionou no arsenal da Escritura inspirada, porquanto todas as armas que ela contém têm sido experimentadas e provadas de muitas maneiras; e nunca se estragou qualquer parte de nossa armadura.

Além disso, devemos praticar a Palavra de Deus, porquanto temos tido a experiência do seu poder dentro de nós próprios. Certamente não se passou tanto tempo para vocês terem esquecido como a Palavra de Deus, qual martelo, quebrou os seus corações endurecidos e humilhou as obstinadas vontades de vocês.

Através da Palavra do Senhor, vocês foram levados à cruz e aliviados pelo sacrifício. Essa Palavra implantou em vocês uma nova vida; e quando, pela primeira vez,

souberam que eram filhos de Deus, sentiram o grandioso poder do evangelho recebido pela fé. O Espírito Santo outorgou-lhes a salvação através das Sagradas Escrituras. Estou certo que atribuem a sua conversão à influência da Palavra do Senhor, pois é a única “perfeita, na conversão da alma”. Qualquer que tenha sido o homem que lhes falou a respeito dela, ou qualquer que tenha sido o livro no qual a Palavra foi lida, não foi a palavra do homem, nem o pensamento do homem sobre a Palavra de Deus, mas a própria Palavra que lhes fez conhecer a salvação no Senhor Jesus. Não foi a razão humana, nem a força da eloquência, nem o poder da persuasão moral, mas a onipotência do Espírito, aplicada à própria Palavra, que lhes deu descanso, paz e alegria através do crer. Nós próprios somos troféus do poder da espada do Espírito; O Espírito Santo nos leva triunfantes a qualquer lugar, voluntariamente dominados por sua graça. Não deixem que ninguém se admire do fato de vocês serem submissos a Ele.

Quantas vezes, desde a conversão, têm as Sagradas Escrituras sido tudo para vocês! Todos têm tido momentos de desânimo, suponho; mas não têm sido reanimados, em cada um desses momentos, pela preciosa promessa dAquele que é fiel? Uma passagem das Escrituras, ancorada no coração do homem, rapidamente leva o coração enfraquecido à ação poderosa.

Os homens falam de águas que renovam os espíritos, e de tônicos que fortalecem o corpo. A Palavra de Deus, todavia, tem sido para nós, vezes sem conta, mais do que tudo isto. Tanto nas fortes tentações como nas duras e amargas provações, a Palavra de Deus tem guardado sempre o nosso ser. No meio do desânimo, que afundou as nossas esperanças, e no meio das desilusões que feriram os nossos corações, temo-nos sentido fortes para agir e suportar tudo, porquanto as promessas de auxílio que encontramos em

nossas Bíblias têm-nos trazido uma energia secreta e invencível.

Irmãos, temos tido a experiência do soerguimento a Deus e ao céu que a Palavra de Deus nos pode dar. Se estudarmos livros contrários ao volume inspirado, não teremos a sensação de estar descendo? Conheci algumas pessoas para quem a leitura de certos livros foi como se um vapor fétido as rodeasse com a névoa da morte. Sim, posso acrescentar que se vocês renunciarem à leitura da Bíblia, trocando-a pela de outros livros, ainda que sejam bons, sentirão em breve um declínio espiritual. Ainda não perceberam que mesmo os livros benéficos são mais uma planície para a qual descem os seus olhos do que um cume ao qual aspiram? Vocês já atingiram o cume de tais livros, e não conseguirão subir mais enquanto os lêem; é inútil dispender o nosso precioso tempo com eles. Porventura, isso já aconteceu alguma vez com o livro de Deus? Alguma vez aconteceu que tivessem se firmado no seu mais simples ensinamento e que, conseqüentemente, tivessem notado que ele os arrastava à queda? Nunca! À medida que as mentes de vocês vão ficando mais cheias das Sagradas Escrituras, vão tendo a sensação de serem elevados e como que transportados às alturas, sobre asas de águias. Raramente acabamos uma leitura da Bíblia sem termos tido a sensação de que nos aproximamos mais de Deus; no entanto, esse período de leitura tem de ser de textos puramente bíblicos, porquanto se lermos a Bíblia simultaneamente com outros livros, corremos o risco de encontrarmos comentários néscios, quais moscas atraídas pelo pote de doce. O estudo da Palavra de Deus, acompanhado de oração, é um meio de instrução e igualmente um ato de devoção, no qual é exercitado o poder da graça que nos vai transformando segundo a imagem de Cristo, do qual a Bíblia é um espelho. Há afinal alguma coisa semelhante à Palavra de Deus,

quando ao ser aberta encontra corações receptivos? Quando leio as biografias de homens como Baxter, Brainerd, McCheyne e muitos outros, sinto-me como alguém que se lavou nas águas frescas de um ribeiro, depois de uma longa caminhada que o deixou completamente sujo e abatido; isto vem precisamente por que esses homens viveram a Escritura e ilustraram-na através de suas experiências. Eles experimentaram uma lavagem autêntica, através da Palavra de Deus, e é disso que nós necessitamos. Nós devemos obtê-la onde eles a encontraram. Ver os efeitos da verdade de Deus nas vidas de homens santos confirma a nossa fé e incentiva-nos à santificação. Outras influências não nos ajudarão a um ideal tão sublime de consagração. Se vocês lerem os livros “babilônicos” da época presente, ficarão imbuídos do seu conteúdo, o que os fará desviarem-se do Senhor nosso Deus. Também poderão ser prejudicados com teólogos, que aparentemente falam da Bíblia, mas no fundo não passam de verdadeiros pagãos; eles apenas confundirão as suas mentes e corromperão a sua fé. Até pode acontecer que num livro excelente, haja um simples pormenor que prejudique mais do que um livro totalmente mau. Tenham cuidado, porque obras deste gênero saem da imprensa como nuvens de gafanhotos. Dificilmente se encontra hoje em dia um livro que esteja completamente isento do fermento moderno, e a mínima partícula fermenta de tal modo que produz o erro mais atroz. Ao lermos livros mais recentes, ainda que não haja falsidade aparente, temos a consciência de que qualquer coisa mudou dentro de nós, e que houve uma descida espiritual; por isso, fiquem de sobreaviso. Mas, com a Bíblia, vocês estarão sempre à vontade; dela, qualquer que seja o texto, receberão sempre a vida e a saúde. Se vocês se mantiverem junto ao Livro inspirado, nenhum mal sofrerão; digam antes que estão sob a fonte de todo o bem moral e espiritual. Esta é a comida própria

dos homens de Deus, é o pão que alimenta o espírito mais elevado.

Depois de pregar o evangelho durante quarenta anos e de mandar imprimir as mensagens que tenho pregado durante mais de trinta e seis, as quais alcançam agora o número de 2200, estou credenciado para falar da plenitude e riqueza da Bíblia, como o livro do pregador. Irmãos, ela é inesgotável. Nunca teremos dificuldade em arranjar novos assuntos, se não nos afastarmos do texto do volume sagrado. Encontraremos sempre, com facilidade, temas diferentes daqueles que já tratamos; a variedade é tão infinita como a plenitude. Uma vida longa conseguirá apenas cobrir as praias deste grande continente de luz. Nos quarenta anos do meu próprio ministério, toquei apenas a bainha do vestido da verdade divina; mas, quanta virtude tem fluído dela! A Palavra é como o seu Autor: infinita, imensurável, sem fim. Se nos mandassem pregar por toda a eternidade, teríamos perante nós um tema adequado às exigências eternas. Irmãos, terá cada um de nós um púlpito em algum lugar neste mundo? Teremos nós um território imenso a alcançar? Teremos nós vozes tão fortes que cheguem às estrelas? Seremos nós testemunhas do Senhor da graça, aos milhares de pessoas que hão de ficar maravilhadas, quando ouvirem falar do Deus encarnado? Teremos nós inteligências puras que interroguem e procurem saber acerca do mistério de Deus manifestado na carne? Querirão os salvos ser instruídos no glorioso evangelho do Deus santo? Estará cada um de nós disposto a contar como chegou a conhecer o amor infinito? Eu penso que sim, visto que Deus nos salvou “para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais” (Ef 3.10). Se for esse o caso, durante séculos as nossas Bíblias serão suficientes para nelas

encontrarmos novos temas a cada manhã, e novos hinos e discursos para todo o mundo.

Já que possuímos este arsenal que nos foi fornecido pelo Senhor, visto que também não queremos outro, estamos assim decididos a utilizar unicamente a Palavra de Deus e a utilizá-la com maior vigor.

Nós estamos decididos — e espero que entre nós não haja ninguém que discorde disto — *a conhecer melhor as nossas Bíblias.*

Conhecemos, porventura, o volume sagrado tão bem como deveríamos? Temos nos esforçado por conhecer tão bem a Palavra de Deus como um crítico se esforça por conhecer o seu clássico favorito? Não acontecerá, talvez, que ainda encontremos passagens bíblicas que constituem novidade para nós? Há alguma parte daquilo que o Senhor escreveu que nunca tenhamos lido?

Fiquei impressionado com a observação do nosso irmão Archibald Brown, ao relatar que, somente se lesse totalmente as Escrituras, de capa a capa, poderia conhecer ensinamentos inspirados que de outro modo poderiam ser-lhe desconhecidos; e assim, ele resolveu ler; e, depois de tê-la lido deste modo uma vez, adquiriu o hábito de fazê-lo sempre.

Há alguém entre nós que não esteja lendo a Bíblia desta forma? Comecemos imediatamente. Gosto imensamente de ver quão prontamente alguns dos nossos irmãos apresentam uma passagem apropriada, citam outra semelhante e culminam com uma terceira. Eles parecem conhecer sempre a passagem oportuna. Têm as suas Bíblias não só nos seus corações, mas também na “ponta da língua”. Isto é muito valioso para um pastor. O que conhece bem os textos é um bom teólogo. Há outros a quem muito estimo por outras coisas, que, no entanto, são fracos neste ponto e poucas vezes citam um texto bíblico corretamente,

resultando que as alterações produzidas, de fato, chocam o ouvido do leitor da Bíblia. Infelizmente, é frequente os pastores acrescentarem ou omitirem uma palavra ao texto bíblico, ou degradarem de certo modo a linguagem do texto sagrado. Quantas vezes não tenho eu ouvido irmãos que falam sobre o confirmar “a vossa vocação e *salvação*”! (2 Pe 1.10). Possivelmente eles ainda não apreciaram, tanto como nós, a palavra calvinista “*eleição*”, e, portanto, deixaram-na desaparecer. Há, ainda, outros que citam apenas a metade de um texto, perdendo-se assim o sentido; e não só, em alguns casos, até o contradizem. A nossa reverência para com o grande Autor das Escrituras devia impedir-nos de manchar as suas palavras. Uma alteração das Escrituras não pode, de modo algum, constituir um melhoramento. Os que crêem na inspiração da Palavra deveriam ser muito cuidadosos quanto a se expressarem corretamente. É possível que as pessoas que vêem erros nas Escrituras se achem competentes para corrigir a linguagem do Senhor dos exércitos; mas nós, que cremos em Deus e aceitamos as suas palavras, não podemos fazer algo tão insolente. Citemos sempre as palavras, tal como se apresentam na melhor tradução possível, e será ainda melhor se conhecermos o original, porquanto, deste modo, podemos saber se a nossa versão está correta. Quão grande prejuízo pode advir de uma alteração accidental da Palavra! Abençoados aqueles que concordam com os ensinamentos divinos e recebem o seu verdadeiro significado, tal como o divino Espírito os ensina! Oh!, que possamos conhecer profundamente o Espírito das Sagradas Escrituras, beber dele até ficarmos saciados! Esta é a bênção que decidimos obter.

Pela graça de Deus, tencionamos crer na Palavra de Deus mais intensamente. Há mais de um tipo de fé. Vocês acreditam em todos os irmãos aqui reunidos, mas em alguns

deles vocês colocam uma confiança prática e consciente, visto que, na hora em que vocês passavam por tribulação, eles vieram em seu auxílio e revelaram-se irmãos capazes de enfrentar a adversidade. Vocês confiam neles, com uma certeza absoluta, pois já tiveram a experiência de confiar neles.

Vocês possuíam fé antes, mas agora é uma confiança maior, mais firme, mais certa. Confiem ao máximo no Livro inspirado. Creiam nele completa e totalmente; creiam nele com toda a força do seu ser. Deixem que as verdades da Escritura se tornem os principais fatores na sua vida, as principais forças no seu agir. Deixem que os grandes acontecimentos da história evangélica sejam para vocês fatos tão reais e tão práticos como aqueles que vocês enfrentam nos círculos domésticos ou no mundo lá fora. Deixem que eles sejam, para vocês, tão vivos e verdadeiros como os seus próprios corpos, com as suas dores e sofrimentos, com os seus desejos e as suas alegrias.

Se conseguirmos sair do reino da ficção e da fantasia para o mundo real, tocaremos numa veia de poder que nos dará um imensurável tesouro de força. Deste modo, sermos “poderosos nas Escrituras” significará sermos “poderosos em Deus”.

Também devemos decidir citar mais das Sagradas Escrituras. As mensagens deviam estar cheias de Bíblia; adoçadas, fortificadas, santificadas com a essência da Bíblia. O gênero de mensagens que as pessoas necessitam ouvir são desenvolvimentos das Escrituras. Se elas não sentem prazer em ouvi-las, tanto maior é a razão porque devemos pregar-lhes mensagens bíblicas. O evangelho tem a singular capacidade de criar na pessoa o gosto por ele próprio. Os ouvintes da Bíblia, quando de fato a ouvem, chegam a ficar apaixonados por ela. O simples encaixar de textos é uma maneira pobre de fazer sermões; embora alguns a

usem, e eu não duvido que Deus os tenha abençoado, porquanto fizeram o melhor possível. É muito melhor encaixarmos os textos uns nos outros, do que usarmos os nossos pobres pensamentos desinteressantes. Se a Palavra de Deus for citada, haverá alguma coisa para meditar e recordar, do contrário não haverá absolutamente nada. No entanto, os textos das Escrituras não têm necessariamente de estar encaixados uns nos outros, mas podem ser bem adaptados à mensagem, completando-a e dando-lhe revelância. Eles serão a força do sermão. As nossas próprias palavras são meras bolinhas de papel comparadas com o chumbo da Palavra. A Escritura é a conclusão de todo o assunto. Não podemos argumentar contra, quando verificamos que “está escrito”. Até certo ponto, o debate dá-se por encerrado nos corações e nas consciências dos nossos ouvintes, depois de o Senhor ter falado. “Assim diz o Senhor” é o fim da discussão para as mentes cristãs; até o ímpio não pode resistir à Escritura, sem resistir ao Espírito que a escreveu. Temos de falar segundo as Escrituras, para que possamos falar de um modo convincente.

Estamos resolvidos a pregar unicamente a Palavra de Deus. A alienação das pessoas que ouvem o evangelho é grandemente explicada pelo triste fato de que nem sempre é o evangelho que elas ouvem, quando vão aos lugares de culto; falta aquilo que mais as suas almas carecem.

Vocês nunca ouviram falar de um rei que deu uma série de festejos e convidou muita gente, semana após semana? Havia um determinado número de servos destinados a servir às mesas; e, nos dias indicados, eles foram convidar as pessoas. Mas, por alguma razão, depois dos primeiros dias, a maioria das pessoas não veio mais às festas. O número dos que vinham decrescia progressivamente, e a grande maioria voltou-lhes as costas. O rei então investigou a causa e descobriu que a comida que serviam

parecia não satisfazer os homens que vinham aos banquetes; por isso eles não voltavam mais. Resolveu então examinar as mesas e as carnes que estavam sobre elas. Ele viu ornamentos e ostentação que não tinham saído de suas despensas. Olhou para a comida e disse: “Mas que é isto? Como estes pratos vieram para cá? Eles não são das minhas provisões. Os meus bois e os meus novilhos foram mortos; no entanto, aqui não está a carne de animais bem alimentados, e, sim, a carne dura de gado magro, a morrer de fome. Os ossos estão aqui, mas a carne onde está? Também o pão é inferior, considerando que o meu foi feito com a farinha da melhor qualidade. O vinho está misturado com água, e a água não é de um poço puro”.

Então um dos criados respondeu, dizendo: “Ó Rei, nós pensamos que as pessoas ficariam fartas de carne e gordura; por isso servimos ossos e cartilagem, para elas usarem os dentes. Pensamos ainda que ficariam cansadas do melhor pão branco, e assim cozemos em nossas casas um pouco de pão com farelos. A opinião dos sábios é que a nossa provisão se adapta melhor aos tempos modernos do que aquela que vossa majestade prescreveu há tanto tempo. Quanto aos vinhos falsificados, o gosto dos homens sofreu modificações nestes tempos; sendo um líquido tão transparente como a água pura, é um gole demasiado leve para os homens habituados a beber a água do rio do Egito, que tem sabor de lama das montanhas da lua”. Então o rei soube por que razão as pessoas não vieram à festa. Será por esta mesma razão que uma grande parte das pessoas já não sente prazer em ir à casa de Deus? Creio que sim. Têm, porventura, os servos do nosso Senhor cortado em bocados as suas próprias sobras, para depois as misturarem com bocados estragados, a fim de fazerem um guisado para milhões de pessoas, acontecendo depois que, por essa razão, essas pessoas lhes voltem as costas?

Escutem o final da minha parábola. “Limpai as mesas”, gritou o rei cheio de indignação. “Dai aos cães todas essas imundícies. Trazei os lombos de vaca e apresentai a minha comida real. Tirai essas ninharias do saguão e tirai da mesa esse pão adulterado. Lançai fora a água do rio lamacento”. Assim eles fizeram; e em breve soou pelas ruas que havia para comer autênticos manjares reais. Sendo assim, as pessoas chegaram em multidões ao palácio e o nome do rei tornou-se muito famoso em todo o país. Vamos experimentar o plano e talvez tenhamos em breve a alegria de ver o grande banquete do Mestre cheio de convidados.

Desta forma, estamos decididos a usar mais do que nunca o que Deus providenciou para nós neste Livro, pois *estamos certos de sua inspiração*. Permitam que eu repita: *estamos certos de sua inspiração*.

Vocês notarão que os ataques são frequentes contra a inspiração verbal. A forma utilizada é mero pretexto. “Inspiração verbal” é a forma verbal do ataque, mas o ataque é dirigido, de fato, à própria inspiração.

Não é preciso ler muito para notarmos que o homem que começou a contestar uma teoria de inspiração, que nenhum de nós jamais defendeu, acaba por se desmascarar, mostrando-se contrário à própria inspiração. Aí está a verdadeira questão. Nós não atribuímos importância a qualquer teoria de inspiração; de fato, não a temos. Para nós é um fato, e não uma hipótese, a plena inspiração verbal das Sagradas Escrituras. É pena que alguém conceba uma teoria sobre um assunto profundamente misterioso, que requer fé e não imaginação. Creiam na inspiração das Escrituras o mais intensamente possível, pois essa é certamente a inspiração mais verdadeira e mais completa que realmente existe. Ninguém errará nesse sentido, se é que tal erro é possível. Se adotarmos teorias que cortem partes e neguem a autoridade

divina de outras, não haverá, por fim, nenhuma inspiração digna do nome.

Se este Livro não for infalível, onde vamos nós encontrar infalibilidade? O papa não é confiável, porquanto constantemente tem cometido erros terríveis; não vamos agora colocar no lugar dele um grupo de pretenciosos “sabe-tudo” recém-formados.

Será que são infalíveis estes que corrigem as Escrituras? Será verdade que as nossas Bíblias estão erradas, e que os críticos têm toda a razão?

A prata velha não é apreciada; mas a prata alemã, que puseram no lugar daquela, atribuem o valor do ouro.

Moços que ainda a pouco liam romances atrevem-se a corrigir os conceitos dos pais, que foram homens de peso e de caráter. Doutrinas que produziram a geração mais espiritual que já viveu sobre a face da terra são rejeitadas com desdém, como se fossem meras tolices. Para estas criaturas, nada há mais detestável do que aquilo que cheira a “Puritanismo”. Tais pessoas desprezam até o som da palavra “Puritano”; porém, se os Puritanos aqui estivessem de novo, tais pessoas não ousariam menosprezá-los; pois quando os Puritanos lutavam, eram logo conhecidos como homens de ferro, e o seu líder dificilmente poderia ser chamado de ingênuo, mesmo por aqueles que o estigmatizassem como “Tirano”.

Quem poderia dizer que Cromwell e os que estavam com ele eram, todos, pessoas de pouca capacidade? É estranho que eles têm sido bastante elogiados precisamente por aqueles que escarnecem dos seus sucessores, crentes na mesma fé. Diante de tudo isso, onde poderemos encontrar a infalibilidade? “A perspicácia diz que não está em mim”, no entanto, aqueles que não têm agudeza de espírito procuram levar-nos a supor que está neles, ou então pensam que um dia a alcançarão.

Deveríamos acreditar que a infalibilidade está nos eruditos?

Agora, o Sr. João, depois de ter lido a sua Bíblia e apreciado as suas valiosas promessas, terá de descer a rua, para perguntar ao erudito da casa pastoral se determinada porção das Escrituras pertence à parte inspirada ou se é de autoridade duvidosa. Será bom que saiba se foi escrita por Isaías ou pelo segundo dos dois Obadias. Toda a possibilidade de certeza passa pelo homem espiritual para chegar àqueles cuja erudição é pretenciosa, e que nem sequer fingem possuir espiritualidade. Pouco a pouco, eles hão de criticar-nos e duvidar tanto de nós que só alguns dos mais eruditos saberão o que é e o que não é da Bíblia, e esses é que mandarão no restante. Tenho tão pouca confiança na sua piedade como tenho na sua precisão; eles hão de tirar-nos o que temos de mais precioso e depois ainda hão de se gloriar com a façanha cruel. Nós não suportaremos tal reinado de terror, porquanto ainda cremos que Deus se revela mais aos indoutos do que aos sábios e estamos plenamente conscientes de que a nossa própria versão das Escrituras, é suficiente para homens simples, em todos os objetivos da vida, da salvação e da santidade. Nós não desprezamos o saber, mas nunca diremos da cultura ou da crítica: “São estes, ó Israel, os teus deuses” (Êx 32.4).

Estão vendo por que razão os homens desejam diminuir o grau de inspiração dos textos sagrados e até mesmo reduzi-los a uma quantidade extremamente pequena? É porque querem derrubar a verdade de Deus. Se à tardinha vocês forem a uma loja para comprar certos produtos, cuja qualidade só pode ser julgada pela cor e textura, à luz do dia, e se o comerciante diminuísse ou apagasse as luzes da loja, para depois mostrar-lhes os produtos, vocês suspeitariam que ele estaria tentando empurrar-lhes algum produto inferior. Eu tenho quase a certeza de que este é o truque

utilizado pelos depreciadores da inspiração. Sempre que alguém começa a depreciar a sua fé na inspiração é porque ele tem um truque que não pode executar às claras. É como se dirigisse uma sessão de espiritismo e por isso grita que baixem as luzes. Irmãos, nós queremos conceder à Palavra de Deus toda a inspiração possível; e ousadamente declaramos que, se a nossa pregação não estiver de acordo com esta Palavra, é porque não há luz nela. De boa vontade somos provados por ela, em todos os aspectos, e diremos que os mais nobres dos nossos ouvintes são os que a lêem diariamente, para verem se as coisas são de fato assim (At 17.11); mas, aos que minimizam a inspiração, não nos sujeitaremos de modo nenhum.

Será que ouço alguém dizer: “Mas vocês têm de se sujeitar às conclusões da ciência”? Ninguém está mais pronto do que nós a aceitar *os fatos* evidentes da ciência. Mas o que você quer dizer por ciência? Será que essa coisa a que chamam “ciência” é infalível? A história da ignorância humana que se intitula “filosofia” é absolutamente idêntica à história dos tolos, exceto onde ela leva à loucura. Se aparecesse outro Erasmo, a escrever a história da loucura, teria de dedicar vários capítulos à filosofia e à ciência, e nesses haveria muito mais a escrever do que em quaisquer outros. Eu próprio não ousaria dizer que os filósofos e os cientistas são geralmente tolos; mas dar-lhes-ia liberdade para falarem uns dos outros e, no final, diria: “Os senhores são mais indelicados uns para com os outros do que eu mesmo teria sido”.

Eu permitiria que os sábios de cada geração falassem da geração anterior, ou mesmo que cada metade de uma geração, nos nossos dias, lidasse com a metade precedente; porque hoje há poucas teorias científicas que possam sobreviver vinte anos e poucas mais são as que verão a luz do próximo século.

As hipóteses científicas passam por nós com a rapidez semelhante à de postes telefônicos vistos durante uma viagem em um trem expresso. Tudo o que hoje podemos estar certos é que aquilo que os sábios tinham a certeza há alguns anos é agora lançado para o limbo dos erros. Eu acredito na ciência, mas não naquilo que chamam de “ciência”. Não há um fato demonstrado na natureza que se oponha à revelação.

Não podemos conciliar a Bíblia com as bonitas especulações dos pretensiosos, nem o faríamos, mesmo que pudéssemos. Sinto-me como o homem que disse: “Posso compreender, em certa medida, como estes grandes homens descobriram o peso das estrelas, a que distância estão umas das outras, e até mesmo, como, através do espectroscópio, descobriram as substâncias que as formam; mas não consigo imaginar como descobriram os seus nomes”. É precisamente isso. A parte imaginária da ciência, que é tão valiosa a muitos, é o que nós não aceitamos. Para muitos, essa é a parte importante da ciência; essa é a fonte, que é uma mera suposição, pela qual os conjecturadores lutam com unhas e dentes.

A mitologia da ciência é tão falsa como a mitologia dos pagãos; mas é disto que eles fazem um deus. Eu repito que, no que diz respeito aos fatos, a ciência nunca está em conflito com as verdades das Sagradas Escrituras; no entanto, as deduções apressadas desses fatos, bem como as invenções de fatos, opõem-se às Escrituras, e tem de ser necessariamente assim, porquanto a mentira opõe-se à verdade.

Há dois gêneros de pessoas que têm causado grande mal; no entanto, nenhum deles é digno de ser considerado perito no assunto — ambos são incompetentes. É essencial que um árbitro conheça os dois lados da questão, e nenhum deles está instruído nesse sentido. O primeiro é o cientista

que não professa uma religião. O que sabe ele de religião? O que pode ele saber? Ele está fora do seu campo, quando lhe perguntam se a ciência concorda com a religião. Obviamente, ele tem de conhecer ambas as partes da questão, se quiser dar uma resposta. O segundo é um homem melhor, mas ainda mais suscetível de errar. Refiro-me ao cristão não-científico que mói a cabeça para conseguir conciliar a Bíblia à ciência. Seria melhor que deixasse isso de lado e não começasse a ser aprendiz em tudo e profissional em nada. Quando tais homens tentam resolver uma dificuldade, cometem sempre o mesmo erro: ou deturpam a Bíblia ou falseiam a ciência.

A suposta solução é logo vista como sendo errada, e então ouvimos o grito de que as Escrituras foram derrotadas. De modo algum. É apenas a renovação de uma caricatura.

Não sei muito acerca destas questões, nem me preocupo; mas quero dizer que, se uma explicação falhar completamente, não devemos imaginar que isto causou abalo à verdade bíblica, que parecia exigir a explicação; apenas queimaram-se as paliçadas de madeira com as quais homens de boas intenções pensaram proteger um forte inexpugnável, que não precisa de qualquer defesa. Normalmente seria preferível deixarmos uma dificuldade onde ela está, a criar outra dificuldade com nossas teorias. Por que havemos de fazer um segundo buraco na chaleira para repararmos o primeiro? Sobretudo quando não existe absolutamente nenhum buraco e, portanto, não precisa de reparo. Acreditem em tudo aquilo da ciência que pode ser demonstrado; não será muita coisa. Acreditem em tudo o que está contido na Palavra de Deus, quer se possa demonstrar ou não por provas exteriores. Não há necessidade de prova alguma, quando Deus fala. Se Ele disse, isso é prova suficiente.

Dizem-nos que deveríamos abandonar uma parte da nossa teologia à moda antiga, para salvar o resto. Imaginem que estamos viajando de carruagem pelas estepes russas. Os cavalos estão sendo impetuosamente conduzidos, mas os lobos já estão muito perto de nós! Aí estão eles!

Vocês vêem os olhos faiscantes deles?

O perigo é iminente. Que faremos? Alguém propõem que se lance fora uma ou duas crianças. Quando os lobos tiverem acabado de comê-las, nós já teremos ganho terreno; mas, no caso deles nos alcançarem novamente, que fazer então?

Ora, homem corajoso, lance a sua mulher! “Um homem deve dar tudo o que tem para salvar a sua vida.” Renuncie a quase toda a verdade na esperança de salvar outra verdade. Joguem fora a inspiração, e os críticos a devorarão. Lancem fora a eleição e o calvinismo; e logo haverá uma deliciosa refeição para os lobos; e aqueles que nos dão esse prudente conselho ficarão alegres por verem a destruição das doutrinas da graça. Lancem fora as doutrinas da depravação total, do castigo eterno e da eficácia da oração, e assim aliviarão maravilhosamente a carruagem. Agora vamos a outra verdade a ser lançada fora. *Imolem o grande sacrifício!* Abandonem a expiação! Irmãos, este conselho é repugnante e assassino; ou nós nos salvaremos destes lobos com tudo, ou estaremos perdidos com tudo. Ou “queremos a verdade, toda a verdade, e nada a não ser a verdade”, ou então não aceitamos absolutamente nada. Nunca tentemos lançar fora uma parte da verdade, para salvar a outra. O errôneo conselho que foi dado é traição a Deus e desilusão para nós próprios. Nós somos pelo tudo ou pelo nada. Ou teremos a Bíblia completa, ou então não teremos Bíblia alguma. Tem sido dito que, se renunciarmos a alguma coisa, os adversários também

renunciarão a algo; porém, não nos interessamos naquilo que possam fazer, visto que não temos medo deles. Eles não são os conquistadores imperiais que julgam ser. Não queremos nada da sua insignificância. Nós temos o espírito daquele guerreiro a quem tentaram comprar com presentes e a quem disseram que, se ele aceitasse certa quantidade de dinheiro ou um determinado território, poderia voltar para casa triunfante e gloriar-se de sua vitória fácil.

Mas ele disse: “Os gregos não apreciam concessões. Encontram a sua glória não nos presentes, mas nos despojos”. Com a espada do Espírito devemos manter toda a verdade, e não aceitar apenas uma parte dela como uma concessão dos inimigos de Deus. Manteremos a verdade que é *a verdade de Deus*, e não haveremos de retê-la somente porque o espírito filosófico concorda em que façamos tal. Se os cientistas aprovam a nossa crença numa parte da Bíblia, nós não lhes agradeceremos por coisa alguma: nós acreditamos nela de qualquer maneira. A aprovação deles influi tanto na nossa fé como pode influenciar a aprovação de um francês quanto à posse de Londres pelos ingleses.

Estando Deus conosco, não desistiremos desta honra. Manteremos, até ao fim, toda a verdade revelada.

Mas agora, irmãos, enquanto nos mantemos na primeira parte do nosso tema, talvez demasiado longo, digo-lhes que, *acreditando nisto, aceitamos a obrigação de pregar toda a Palavra de Deus*. Não gostaríamos de omitir qualquer parte de toda a revelação de Deus; ansiamos poder dizer, no final: “Jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus” (At 20.27).

É perigoso não só deixar de lado qualquer porção da verdade, como também acrescentar-lhe qualquer elemento estranho! Nem todo bom homem concordará comigo,

quando digo que é prejudicial acrescentarmos à Palavra de Deus o batismo de crianças - porque na verdade ele não está lá. O batismo infantil abre a porta para a regeneração batismal. Agora falo do que sei. Tenho recebido cartas de missionários, que dizem: “Desde que estamos aqui, encontramos pessoas que são filhos de antigos convertidos e que, por terem sido batizados quando crianças foram apelidados de cristãos. No entanto, eles não são em nada melhores que os pagãos. Parece que eles se consideram cristãos apenas por causa do batismo, e, ainda que os pagãos os consideram como cristãos, as suas vidas são contínuos escândalos e não mais que pedras de tropeço”. Em muitos casos isto deve ser assim. Eu apenas uso o fato como uma ilustração. Porém, mesmo que seja um outro erro inventado, ou uma grande verdade negligenciada, o mal advirá daí. No caso das verdades sobre a ira de Deus, conhecidas entre nós como “os terrores do Senhor”, a sua omissão está causando os mais tristes resultados. Um bom homem, que nós pensamos não estar ensinando exatamente a verdade sobre este assunto solene, tem, no entanto, escrito repetidamente para os jornais, para dizer com toda a sinceridade que a grande fraqueza do púlpito moderno consiste em ignorar a justiça de Deus e o castigo do pecado. O seu testemunho é verdadeiro, e o mal que ele indica é incalculavelmente grande. Não se pode deixar de lado aquela parte da verdade que é tão escura e tão solene, sem que se enfraqueça a força de todas as outras verdades que se prega. Isso seria tirar o brilho e a importância urgente das verdades que dizem respeito à salvação que nos livra da ira vindoura. Irmãos, não deixem de lado absolutamente nada. Sejam suficientemente arrojados em pregar a verdade desagradável e impopular. O mal que causamos ao acrescentar ou subtrair algo à Palavra de Deus pode não surgir nos nossos próprios dias; mas, se por acaso amadurecer numa outra

geração, seremos nós igualmente os culpados. Não tenho dúvidas de que a omissão de certas verdades, pelas igrejas primitivas, conduziram posteriormente a sérios erros. Certas adições sob a forma de ritos e cerimônias, que pareciam muito inocentes em si mesmas, conduziram ao ritualismo e depois à grande apostasia romana. Tenham cuidado! Não aumentem nem um milímetro sequer às linhas das Escrituras e não fiquem igualmente aquém delas. Cubram-se apenas com a Palavra de Deus, tanto quanto o Espírito Santo nos tem ensinado, e não retenham nada do que Ele tem revelado. Não sejam ousados ao ponto de abolir as duas ordenanças que o Senhor Jesus tem instituído, ainda que alguns se tenham aventurado a essa presunção indecente. Também não se aventurem a ir para o lado oposto, considerando-as como canais inevitáveis da graça, como outros supersticiosamente têm feito. Não se afastem da revelação do Espírito. Lembrem-se que terão de prestar contas e não o farão com alegria, se não forem leais à verdade de Deus.

Lembrem-se da história de Gilipo, a quem Lisandro confiou sacos de ouro que deveriam ser entregues às autoridades da cidade. Esses sacos tiveram as suas bocas atadas e depois foram selados: Gilipo pensou que, se cortasse a parte do fundo dos sacos, poderia tirar uma parte das moedas e, em seguida, com todo o cuidado, costuraria o fundo novamente; assim os selos não se quebrariam e ninguém suspeitaria do roubo. Ele assim o fez. Quando os sacos foram abertos, para seu terror e surpresa, havia uma nota em cada um, com a indicação da quantia que devia conter, e desta maneira ele foi descoberto. A própria Palavra de Deus é testemunha de si mesma, de tal modo que não podeis suprimir-lhe nada, sem que a parte restante vos acuse e condene. Como poderão responder por isso “naquele dia”, se tirarem ou acrescentarem qualquer coisa à Palavra

de Deus? Não estou aqui para decidir o que devem considerar ser a verdade de Deus; mas, o que quer que julguem ser, preguem-na toda e preguem-na determinada e claramente. Se sou diferente de vocês, ou vocês de mim, não diferiremos muito, se formos igualmente honestos, retos e tementes a Deus. O caminho para a paz não é através do encobrimento de convicções, e, sim, através de sua honesta expressão, no poder do Espírito Santo.

Só mais uma palavra. *Nós aceitamos a obrigação de pregar, determinada e distintamente, tudo o que está na Palavra de Deus.*

Não acontece que muitos pregam a Palavra de um modo indefinido, tratando-a enganosamente? Pode-se acompanhar o ministério desses durante anos, sem se saber aquilo que crêem. Ouvi dizer que certa vez perguntaram a um pastor o que ele pensava sobre o castigo eterno. Ele respondeu: “Meu caro Senhor, isso é precisamente o que eu nunca disse a ninguém, e você certamente não obterá a minha resposta”. Esta é uma condição moral muito estranha para a mente de um pregador do evangelho. Temo que ele não seja o único nesta situação. Dizem deles que “consomem a sua própria fumaça”; isto quer dizer que conservam as suas dúvidas para consumo próprio.

Muitos não ousam dizer no púlpito o que dizem particularmente em um encontro entre obreiros. É isto honesto? Receio que se passe com alguns o que se passou com um professor em uma cidade do sul dos Estados Unidos. Um grande pregador negro, chamado Jasper, tinha ensinado ao seu povo que o mundo é plano como uma panqueca e que o sol gira ao redor do mundo diariamente. Nós não admitimos esta parte do seu ensinamento, mas algumas pessoas aceitavam-no; uma delas, dirigindo-se com o seu filho ao professor da escola, perguntou: “O senhor ensina às crianças que o mundo é redondo ou plano?” O

professor respondeu muito cautelosamente: “Sim”. A pessoa que tinha feito a pergunta ficou confusa e a repetiu, esperando uma resposta mais clara. “O senhor ensina às crianças que o mundo é redondo ou que o mundo é plano?” Então o professor respondeu: “Depende da opinião dos pais”. Eu suspeito que mesmo na Inglaterra, em alguns casos raros, muitas coisas dependem da opinião do diácono, ou do principal contribuinte, ou dos jovens mais destacados na congregação. Se assim for, o crime é repugnante. Contudo, quer seja por isto ou por aquilo que ensinemos com língua dupla, o resultado será sempre altamente prejudicial. Aventuro-me a citar aqui uma história que ouvi do nosso prezado irmão Brown: uma vez um pedinte visitou um pastor para conseguir deste algum dinheiro. O bom homem não gostou muito da aparência do pedinte e disse-lhe: “O seu caso não me interessa, e não vejo razão especial para a sua vinda aqui”. Então, o mendigo respondeu: “Tenho certeza de que me ajudaria, se soubesse quão grande benefício tenho recebido do seu abençoado ministério”. “Qual?” perguntou o pastor. Ao que o outro respondeu: “Quando vim pela primeira vez ouvi-lo, não queria saber de Deus nem do diabo, mas agora, com o seu abençoado ministério, *cheguei ao ponto de amar os dois*”.

Não é de admirar que as pessoas, através da conversa astuciosa de alguns homens, cheguem ao ponto de amar tanto a verdade como a mentira!

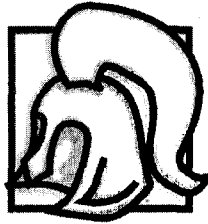
As pessoas dirão: “Gostamos desta forma de doutrina e gostamos também da outra”. Mas o fato é este: eles gostariam de qualquer coisa, desde que um enganador esperto lhes apresentasse isso de uma maneira aceitável. Eles admiram Moisés e Arão, mas não diriam uma palavra contra Janes e Jambres. Não devemos ser cúmplices daqueles que visam criar esta mentalidade. Temos de pregar o evangelho de modo tão distinto que o nosso povo saiba aquilo que

estamos pregando. “Se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha?” (1 Co 14.8). Não lancem confusão nas pessoas através de discursos duvidosos. “Outro dia”, disse-me uma pessoa, “tive uma idéia. Não a desenvolvi, mas limitei-me a mencioná-la”. Este é um método bom, que todos devem usar com a maior parte das suas próprias novas idéias. Podem mencioná-las, mas vejam bem onde o fazem; porque se o fizerem do púlpito, elas podem atingir alguém e produzir uma ferida na fé. Lancem fora suas fantasias, mas primeiro entrem num barco e afastem-se da costa cerca de uma milha. Atirem ao mar as suas ninharias irrefletidas e deixem-nas aos peixes.

Hoje em dia, temos perto de nós uma classe de homens que falam de Cristo e até pregam o evangelho; mas depois pregam igualmente muitas coisas que não são verdadeiras, destruindo o bem que fizeram e induzindo os homens ao erro. Eles querem ser considerados “evangélicos”, mas, na verdade, pertencem a uma escola antievangélica. Reparem bem nesse tipo de pessoa. Tenho ouvido dizer que uma raposa, que é perseguida muito de perto pelos cães, finge ser um deles e corre com eles. É isso o que alguns estão desejando agora: *que as raposas pareçam cães*. Mas, no caso da raposa, o cheiro acentuado que ela libera em breve há de traí-la, e os cães depressa a descobrirão. Do mesmo modo, o cheiro de falsa doutrina não é ocultado facilmente, e o jogo não continuará por muito tempo. Existem pregadores dos quais é difícil dizer se são cães ou raposas; no entanto, todos os homens devem saber aquilo que nós somos enquanto vivermos. Eles não devem ter dúvidas quanto àquilo em que acreditamos e ensinamos. Não hesitemos em proferir as palavras mais duras que pudermos encontrar na nossa língua, nem em empregar as frases mais simples que pudermos construir, para anunciar aquilo que consideramos a verdade fundamental.

Assim, por todo este tempo, mencionei o meu primeiro assunto, devendo os outros dois ocupar, portanto, menos tempo, ainda que os considere de primeira importância.

1 Personagem do livro “O Peregrino”, de John Bunyan, Editora Fiel.



O NOSSO EXÉRCITO

Agora vamos analisar o *nosso exército*. O que pode fazer um só homem em uma grande cruzada? Nós estamos associados a todo o povo do Senhor. Precisamos que os membros das nossas igrejas sejam nossos companheiros; estes têm de sair e ganhar almas para Cristo. Precisamos da cooperação de todos os irmãos. O que poderá ser realizado se os salvos não agirem com vista à salvação de outros? Mas agora surge a questão. *Deve mesmo haver uma igreja?* Será que deve haver um destacado exército de santos ou devemos nós incluir também os ateus? Certamente já ouviram falar da “igreja do futuro”, que quer substituir a Igreja de Jesus Cristo. Toda a limitação terminará, a menos que o teatro e a taverna sejam demais para tal igreja. Visto que as suas linhas extremas incluem ateístas, podemos imaginar que incluirá até espíritos malignos. Que igreja incrível será quando a virmos! Será tudo aquilo que quiserem chamá-la, mas não será a igreja. Quando os soldados de Cristo puserem nas suas fileiras todos os bandidos do adversário, já não poderemos falar em exército de Cristo. Não será isso uma capitulação logo no início da guerra? Penso que sim.

Não só devemos acreditar na igreja de Deus; também devemos reconhecê-la distintamente. Há certas deno-

minações que reconhecem tudo e mais alguma coisa, menos a importância da igreja. Chegam até a ignorar a necessidade de realizarem reuniões de igreja. Para alguns, “a igreja” significa apenas o pastor ou os clérigos; no entanto “a igreja” deve, na verdade, significar todo o corpo de fiéis; e deve haver a oportunidade de se reunirem e atuarem como igreja. Eu creio que pertence à igreja de Deus a missão de realizar, na terra, a obra de Deus. O poder e a orientação finais pertencem ao Senhor Jesus, e sob a sua orientação deve ela viver, não apenas com alguns escolhidos, mas com a totalidade dos crentes. Nós devemos cada vez mais reconhecer a igreja que Deus deixou a nosso cargo; agindo assim, invocaremos uma força que de outro modo jaz oculta. Se a igreja é reconhecida por Jesus Cristo, deve ser reconhecida por nós, porquanto nós somos servos dessa igreja.

Sim, acreditamos que deve haver uma igreja. Mas, as igrejas trazem desilusões. Todos os pastores das igrejas reconhecem isto em seus corações.

Não vejo em que as igrejas de hoje sejam melhores ou piores que as do tempo de Paulo. As igrejas em Corinto, Laodicéia e em outras cidades, apresentavam grandes erros; e, se os encontramos nas nossas, não nos admiremos; no entanto, devemos sentir tristeza por essas coisas acontecerem e trabalhar por um padrão mais elevado, ainda que os membros de nossa igreja não sejam tudo o que deviam ser, nem tão pouco nós próprios o somos. No entanto, se necessitasse escolher uma companhia, certamente que recorreria aos membros de minha igreja.

*Estes são os companheiros que mantenho;
estes são os melhores amigos que conheço.*

Oh! Jerusalém, eu te amo, apesar de todos os teus erros! O povo de Deus continua a ser a aristocracia da raça. Deus os abençoe! Sim, nós queremos ter uma igreja.

E, agora, levanta-se uma pergunta: *A igreja deve existir na sua essência ou apenas na aparência, pelo fato de ter um certo número de membros?* Caros irmãos, isso dependerá em grande parte de nós. Eu gostaria de estimular-vos à determinação de não ter uma igreja se não for a igreja verdadeira. O fato é que muito frequentemente as estatísticas realizadas nos meios religiosos são escandalosamente falsas.

Como sabemos, a manipulação dos números não é uma arte desconhecida em certos meios. Há pouco tempo ouvi falar de um caso em que registraram um aumento de quatro membros na igreja; mas, se o rol de membros tivesse sido devidamente corrigido, deveria apresentar um decréscimo de vinte e cinco.

Não é uma falsidade, quando os números são manipulados? Há uma maneira de fazer os números darem uma idéia diferente da realidade. Nunca façam tal coisa. Não permitamos que nomes figurem nos livros, se eles não passam de nomes. Há certas ovelhas de bom nome que gostam de conservar os nomes nos livros e não suportam a idéia de retirá-los; mas, quando não se sabe onde é que as pessoas se encontram nem o que elas são, como se pode contá-las? Uns partiram para a América, outros para a Austrália, outros para o céu; no entanto, no que diz respeito à lista de membros, eles ainda fazem parte dela. Será isto correto? Talvez não possamos ser absolutamente corretos, mas devemos desejar ser o mais precisos possível. Devíamos considerar isto seriamente e purificar-nos do vício de relatos falsos, porquanto o próprio Deus não abençoará meros nomes. Ele não gosta de trabalhar com aqueles que agem falsamente. Se cada nome não corresponder de fato a uma pessoa, então deve se corrigir a lista. Façam com que as igrejas por vocês lideradas mantenham estatísticas corretas; do contrário, não façam registros. Uma igreja

meramente nominal é uma mentira. Que ela seja o que professa ser. Nós não podemos nos gloriar em números; mas devemos conhecer fatos.

Deve a igreja crescer ou extinguir-se? Acontecerá uma coisa ou outra. Veremos os nossos irmãos partirem para o Senhor, e se, por outro lado, não houver novos convertidos acrescentados à congregação, a igreja na terra terá emigrado para a igreja triunfante, nos céus; e o que se fará pela causa e pelo reino do Mestre aqui na terra? A nossa atitude devia ser a de choro, oração e súplica, para que a igreja continue a crescer. É imperioso que preguemos, visitemos, oremos e trabalhemos com este objetivo. Que o Senhor se digne acrescentar-nos a cada dia tantos quantos estão sendo salvos! Se não houver ceifa, é caso para duvidarmos da eficácia da semente. Estaremos pregando a doutrina dos apóstolos, se nunca vemos resultados semelhantes aos que eles obtiveram?

Oh! meus irmãos, os nossos corações devem ficar quebrantados, se não houver aumento nos rebanhos que guardamos! Oh! Senhor, nós Te suplicamos, dá-nos prosperidade!

Se uma igreja almeja ser o que devia, tendo em vista os propósitos de Deus, devemos treiná-la na santa arte da oração. Infelizmente são frequentes as igrejas sem cultos de oração. Ainda que houvesse apenas uma nessas condições, seria motivo para lamentarmos. Em muitas igrejas, a reunião de oração é apenas o esqueleto de uma congregação. Conserva-se a forma, mas as pessoas não aparecem. Não há interesse algum nem poder em relação ao culto. Oh! meus irmãos, que isso não aconteça com vocês! Exercitem as pessoas no sentido de se reunirem continuamente para a oração. Incitem-nas à súplica incessante. Há aí uma arte santa. Façam com que vocês mesmos sejam aprovados através da devoção de seu povo crente. Se vocês mesmos

orarem, quererão que eles orem com vocês; e, quando eles começam a orar com vocês, por vocês e pelo trabalho do Senhor, eles próprios quererão mais oração; assim o desejo aumentará. Acreditem em mim, uma igreja que não ora, é uma igreja morta. Em vez de colocarem a oração em grupo no final, coloquem-na no princípio. Tudo dependerá do poder da oração na igreja.

Deveríamos ter as nossas igrejas muito ocupadas para Deus. Qual a utilidade de uma igreja que se reúne unicamente para ouvir sermões, tal como uma família se reúne para tomar as suas refeições? Qual o proveito, digo eu, se ela não realiza trabalho algum? Não é triste que haja tantos crentes indolentes no trabalho do Senhor, ainda que no seu próprio trabalho sejam bastante zelosos? É por causa da ociosidade dos crentes que se ouve falar tanto da necessidade de entretenimentos e de toda a espécie de disparates. Se eles estivessem trabalhando para o Senhor Jesus não ouviríamos falar disto. Uma boa mulher perguntou a uma dona-de-casa: “Como você se diverte?”, ao que a outra respondeu: “Bem, tenho muitos filhos e, por isso, tenho muito que fazer”. “Sim”, disse a outra, “vejo isso. Observo que há muito que fazer em sua casa; mas como você nunca o faz, estou curiosa para descobrir o que você faz para se divertir”. Há muita coisa a ser feita por uma igreja cristã, dentro do próprio templo, na vizinhança, pelos pobres, pelo mundo descrente, etc. Se entendermos bem isso, as nossas mentes ficarão ocupadas, assim como os nossos corações, as nossas mãos e as nossas línguas, e desta maneira não haverá necessidade de diversões. Se deixarmos que a ociosidade penetre, bem como o espírito que dirige as pessoas preguiçosas, sentiremos imediatamente um desejo de divertimento. E que divertimentos! Se a religião em si não é uma farsa para certas congregações, pelo menos a tendência é de aparecer em maior número

para assistir a uma farsa qualquer do que para orar. Não posso compreender isso. O homem que tem grande amor por Jesus tem pouca necessidade de se divertir. Nem sequer tem tempo para ninharias. Para ele, o mais importante é salvar almas, anunciar a verdade e alargar o reino de seu Senhor. Eu senti uma forte chamada para a obra de Deus e continuo sempre muito impelido para tal, e minha luta tem sido encontrar oportunidades para realizar o trabalho do Senhor; a partir daí, não mais tive tempo para perder em futilidades. Oh! que possamos organizar igrejas verdadeiramente ativas! As igrejas alemãs, no tempo em que o nosso querido amigo Sr. Oncken era vivo, costumavam, por regra, perguntar a cada membro o que ele iria fazer para Cristo, e depois registravam a resposta num livro.

Era requerido de cada membro que continuasse a fazer alguma coisa para o Salvador. E se ele deixasse de fazer alguma coisa, isso seria assunto de análise pela congregação, porque estava sendo um crente ocioso, qual zangão numa colméia de abelhas zelosas. Ou ele trabalha, ou terá de partir. Oh! lutemos por uma vinha, sem uma única videira estéril a prejudicar a terra! Presentemente, quem continua a nossa luta sagrada é um pequeno corpo formado por pessoas imensamente ativas e zelosas, e os outros ou estão no hospital, ou são meros ouvintes. Nós estamos muito gratos por esses poucos consagrados; mas anelamos ver um fogo intenso no altar, a consumir tudo o que publicamente foi lá colocado.

Irmãos, carecemos de igrejas que produzam santos: homens de fé poderosa e oração persistente, homens de vidas santas, homens cheios do Espírito Santo. E, naturalmente, precisamos ter estes santos como bons cachos de uvas; do contrário, não somos ramos da verdadeira videira. Gostaria de ver em cada igreja uma Maria sentada aos pés de Jesus, uma Marta servindo a Jésus, um Pedro e um

João; mas, o melhor nome para uma igreja é “Todos os Santos”. Todos os crentes devem ser santos, e todos podem ser santos.

Não temos ligação nenhuma com os “santos dos últimos dias” (mórmons), mas amamos os santos de todos os dias. Oh! lutemos para que haja mais destes santos! Se Deus nos ajudar de tal maneira que todo o corpo dos fiéis, e cada um em particular, atinja a perfeita varonilidade em Jesus Cristo, então veremos coisas ainda mais grandiosas. Os tempos gloriosos virão, quando os crentes também possuírem características gloriosas.

Nós também necessitamos de igrejas que conheçam a verdade e estejam bem instruídas nas coisas de Deus. Qual é o conhecimento de alguns crentes? Eles vêm à igreja e ouvem e recebem os nossos ensinamentos, tanto quanto a nossa sabedoria o permite; mas quão pouco eles recebem que possam guardar para sua edificação. Irmãos, o erro está, em parte, em nós e em parte neles próprios.

Se nós ensinássemos melhor, eles também aprenderiam melhor. Reparem como há tantos crentes que sabem tão pouco; nem sequer sabem o suficiente para poderem discernir entre a verdade viva e o erro fatal.

Os antigos crentes sabiam indicar os capítulos e versículos em que baseavam a sua fé; mas restam tão poucos desses! Os nossos veneráveis avós conversavam nos seus lares sobre as “Alianças de Deus”. Amo os homens que amam o pacto da graça e encontram aí o fundamento para a sua teologia. A doutrina das alianças que Deus fez com o seu povo é a chave da teologia. Aqueles que temiam ao Senhor costumavam falar uns com os outros acerca destas coisas. Costumavam falar da vida eterna e de tudo o que se relaciona com ela. Tinham um bom argumento para esta crença e uma excelente razão para essa doutrina. Tentar abalá-los não era certamente uma tarefa fácil; era como

tentar abalar os fundamentos do universo, porquanto eles eram demasiadamente firmes para serem removidos por qualquer vento de doutrina. Eles sabiam bem o que conheciam e seguravam bem firme o que tinham aprendido. O que vai ser do nosso país, com toda esta invasão da igreja romana, a espalhar entre nós o seu ritualismo, se as nossas igrejas não estiverem cheias de crentes firmes, que possam discernir entre a regeneração realizada pelo Espírito Santo e o cerimonial que apenas o representa?

O que será de nossas igrejas nestes dias de ceticismo, em que qualquer verdade estabelecida é apontada com o dedo da dúvida, se o nosso povo não tiver as verdades do evangelho escritas em seus corações?

Oh! lutemos por uma igreja comprometida com a verdade, com crentes resistentes ao ataque insistente das dúvidas, as quais servem apenas para destruir a alma!

No entanto, com estes requisitos ainda não atingiríamos o nosso ideal. Necessitamos de uma igreja missionária, que saia em busca de um povo para Deus, vindo de todas as partes do mundo. Ou uma igreja é interessada na salvação de almas, ou ela nada é. Para que serve o sal, senão para conservar os alimentos? E o esforço não deve ser menor em relação às populações vizinhas, só porque ali grassa a pobreza e o vício. Lembro-me de um pastor já falecido, uma pessoa muito boa, sob muitos aspectos, que um dia me deixou assombrado, em virtude de uma resposta que deu a uma pergunta minha. Notei que ele tinha uma vizinhança terrível, nas proximidades do templo, e disse-lhe: "Poderá fazer muito por eles". Mas ele respondeu: "Não, quase me alegro de não ter de enfrentá-los; porquanto, repare, se alguns deles se convertessem isso se constituiria em um terrível peso para nós". Julgava-o uma pessoa prudente e cautelosa, mas isto surpreendeu-me e procurei uma explicação.

“Bem”, disse ele, “teríamos de mantê-los, pois, na sua maioria, são ladrões e meretrizes, e, convertendo-se eles não teriam meios para viver; como nós somos pobres, não poderíamos sustentá-los!” Ele era um homem piedoso e qualquer pessoa que conversasse com ele se beneficiaria; no entanto, era assim que ele estava considerando aquele caso. Os crentes da congregação tinham dificuldades para fazer face às despesas da igreja, e, daquele modo, uma triste pobreza estava reprimindo um zelo benigno, estava gelando a calorosa vontade de sua alma.

Havia bastante do senso comum naquilo que dizia, e, no entanto, era horrível ser capaz de dizê-lo.

Nós não precisamos de pessoas que cantem continuamente:

*Nós somos um jardim com muros à nossa volta,
Com uma terra selecionada;
Somos um lugarzinho cheio de graça,
Afastado da aridez do deserto deste mundo.*

Na verdade são bons versos para se cantar ocasionalmente, mas não com o sentido de que “somos poucos e desejamos continuar a sê-lo”. Não, não, irmãos! Somos um destacamento dos soldados do Rei, a cumprir o serviço militar num país estrangeiro; todavia, temos não somente de defender o castelo, mas também é nosso dever conquistar mais território para os domínios do nosso Senhor. Não somos nós que vamos fugir; vamos pôr em fuga os cananeus, porquanto esta terra nos pertence. Ela nos foi dada pelo Senhor e temos de conquistá-la. Que sejamos inflamados com o espírito de descobridores e conquistadores, não descansando enquanto houver almas para serem salvas e uma região para evangelizar!

Estamos vagando, quais homens em um barco salvas, sobre um mar tempestuoso, e temos de nos apressar, para socorrer os que estão prestes a perecer no naufrágio.

Se não pudermos arrastar para terra o navio naufragado, salvaremos pelo menos a vida, pelo poder de Deus, dos que estão em perigo, e levaremos os remidos para as praias da salvação. A nossa missão, como a de nosso Senhor, é reunir de entre os homens os escolhidos de Deus, para que eles possam viver para a sua glória. Cada homem salvo deve ser, sob o poder de Deus, um salvador, e a igreja não atingirá o estado certo enquanto ela própria não possuir esta concepção. A igreja eleita é salva para que possa salvar, é limpa para que possa limpar, abençoada para que possa abençoar. O mundo todo é um campo agrícola, e todos os membros da igreja devem trabalhar nele para o grande Lavrador. Os desertos devem ser cultivados e as florestas lavradas pelo arado, até que a terra improdutiva comece a florescer como uma rosa. Não devemos estar contentes com aquilo que temos; devemos invadir os territórios do príncipe das trevas.

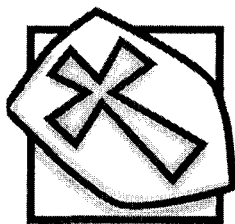
Meus irmãos, qual é a nossa relação com esta igreja? Qual é a nossa posição nela? Nós somos servos. Que possamos sempre conhecer o nosso lugar e conservá-lo! O lugar mais elevado na igreja virá sempre para o homem que, de boa vontade, escolhe o lugar mais baixo; aquele que aspira ser grande, entre os seus irmãos, afundar-se-á para ser o menor de todos. Algumas pessoas poderiam ter sido alguma coisa, se elas próprias não tivessem se considerado assim. Um homem que se considera grande é, na verdade, pequeno. Aquele que se coloca acima dos filhos de Deus é um baixo usurpador. Mas aquele que de alma e coração está sempre pronto a servir o mais pequenino da família, aquele que espera ser perseguido e de boa vontade sacrifica a reputação e a amizade por amor a Cristo, esse deve realizar um ministério celestial. Não somos enviados para sermos servidos, mas para servir. Cantemos ao nosso Bem-amado:

*No teu rebanho não há um cordeiro,
que eu recuse alimentar;
Não há um só adversário
perante o qual eu tema defender a tua causa.*

Devemos ser exemplos para o rebanho. Aquele que não pode ser imitado com segurança não deve ser tolerado no púlpito. Será que já ouvi falar de um pastor que estava sempre lutando por supremacia? E de um outro que era indigno e avarento? E de um terceiro que nem sempre mantinha uma conversação pura? E de um quarto que não costumava levantar-se antes das onze horas da manhã? Espero que este último boato seja falso. Que acontecerá a um ocioso ministro de Deus, a um pastor que negligencia o seu dever? Será que ele espera ir para o céu? Eu quase diria: “Se for para o céu, que vá depressa”. Um ministro preguiçoso é uma criatura desprezada pelos homens e abominada por Deus. Certa vez, disse a um agricultor: “Só dão ao vosso pastor 50 libras por ano! O pobre homem não pode viver disso”. E a resposta foi esta: “Repare, Senhor! Eu explico: nós pagamos bem mais do que ele merece”. É realmente lamentável que se diga isso; é uma injúria a todos os que fazem parte da nossa chamada sagrada. Devemos ser o exemplo para o nosso rebanho em todas as coisas. Devemos, de fato, sobressair na diligência, na gentileza, na humildade, na santidade. Sempre que César ia para a batalha, uma coisa que ajudava os seus soldados a suportar as dificuldades era o fato de eles saberem que César passaria por tudo que eles passavam. Ele marcharia, se eles marchassem; ele suportaria sede, se os soldados a tivessem de suportar; ele estaria no meio da batalha, se eles estivessem a combater. Até devemos fazer mais do que os outros, se somos oficiais do exército de Cristo. Não devemos gritar “Marchem”, mas “Marchemos!”

Os nossos rebanhos possivelmente esperam que, pelo menos, sejamos os mais abnegados, os mais trabalhadores e os mais zelosos na igreja e em outras coisas mais. Não podemos esperar igrejas santas, se nós, que devemos ser exemplos, não o formos. Se houver consagração e santificação, em quaisquer dos nossos irmãos, e se isso for notório a todos os homens, Deus abençoa-os e há de abençoá-los cada vez mais.

No entanto, se isso não existir em nós, não precisamos ir longe para encontrar a causa do nosso insucesso.



A NOSSA FORÇA

Partindo do princípio que pregamos apenas a Palavra de Deus, partindo do princípio que estamos rodeados por uma igreja modelo (o que, infelizmente, nem sempre é o caso, mas assumindo que assim é), consideremos agora o assunto seguinte: “A Nossa Força”. Esta força tem de vir do Espírito de Deus. Cremos no Espírito Santo e na nossa absoluta dependência dEle. Acreditamos, mas será que, na prática, cremos mesmo nEle? Irmãos, em relação a nós próprios e ao nosso trabalho, acreditamos mesmo no Espírito Santo? Acreditamos nEle porque regularmente testamos a verdade dessa doutrina?

Devemos depender do Espírito quando nos preparamos. Está sucedendo assim com todos nós? Vocês têm o hábito de procurar a explicação dos textos bíblicos através da direção do Espírito Santo? Todo aquele que coloca os seus pés na terra do conhecimento celestial, deve trabalhar sobre a passagem bíblica com o pensamento nesse lugar e com a força do Espírito Santo, ou correrá o risco de aportar em alguma ilha no meio do mar da fantasia e nunca ter os pés colocados a salvo nas sagradas praias da verdade. Meus irmãos, vocês não são conhecedores da verdade por lerem os “Esboços de Hodge”, ou o “Evangelho Digno de Toda

a Aceitação”, de Fuller, ou o que Owen escreveu acerca do Espírito, ou qualquer outro clássico de nossa fé. Não conhece, meu irmão, a verdade meramente porque aceitou a “Confissão da Assembléia de Westminster”, mesmo que a tenha estudado com toda a profundidade. Não, nós nunca conheceremos nada, enquanto não formos ensinados pelo Espírito Santo, que fala mais ao coração do que ao ouvido. É maravilhoso observar o fato de que nem sequer poderemos ouvir a voz de Jesus, enquanto o Espírito não habitar em nós. João diz: “Achei-me em Espírito, no dia do Senhor, e ouvi por detrás de mim grande voz” (Ap 1.10). Ele só ouviu aquela voz quando o Espírito do Senhor entrou nele. Quantas palavras celestiais nos faltam pelo fato do Espírito de Deus não estar em nós!

Não poderemos ter êxito nas nossas súplicas, a menos que o Espírito Santo nos assista em nossas fraquezas, porquanto a verdadeira oração consiste em orar no Espírito. O Espírito constrói uma determinada atmosfera em torno de toda a oração autêntica; e, dentro desse círculo próprio, a oração vive e triunfa; fora dele, a oração é apenas uma formalidade morta. Assim, quanto a nós próprios, tanto nos nossos estudos, como nas orações, nos pensamentos, nas palavras e nas ações, devemos depender do Espírito Santo.

No púlpito, dependemos nós real e verdadeiramente da ajuda do Espírito Santo? Não censuro um irmão pelo seu modo de pregar, mas tenho de confessar que me parece muito estranho quando alguém suplica que o Espírito Santo o ajude na pregação e, em seguida, leva a mão ao bolso e tira um manuscrito, fazendo-o com tanta prática que é capaz de colocá-lo na Bíblia e lê-lo, sem que isso seja notado. Com todas estas precauções, para não ser notado no que faz, dá a impressão de que está um pouco envergonhado do uso do papel; no entanto, penso que ele devia estar

muito mais envergonhado de suas precauções. Será que o Espírito Santo vai usá-lo, enquanto ele pensar em usar truques? Como poderia o Espírito Santo ajudá-lo, se lê um papel que poderia ser lido por qualquer pessoa, sem a ajuda do Espírito? O que tem o Espírito Santo a ver com este tipo de coisas? De fato, ele poderia até ter recebido a influência do Espírito ao escrever o sermão, mas no púlpito a ajuda dEle está sendo supérflua. O importante seria, de fato, agradecer ao Espírito Santo a ajuda antes prestada e pedir-Lhe que essa mesma mensagem atinja os corações. Mais ainda, se por acaso o Espírito Santo quisesse transmitir qualquer coisa mais, que não constasse no papel, como poderia fazê-lo por nosso intermédio? Quanto a mim, acho que este método perde todo o frescor da expressão, visto que o pregador fica totalmente limitado. Mesmo assim, não o censuro; no entanto, oro pela liberdade na pregação, para que o Senhor, no momento exato, nos revele o que devemos dizer.

Além disso, devemos depender do Espírito Santo também nos nossos resultados. Nenhum homem entre nós pensaria ser capaz de regenerar uma alma. Não somos tão loucos assim, ao ponto de pedir poder para conseguirmos transformar um coração de pedra. Nem sequer ousamos admitir tal coisa; no entanto, poderemos ser tentados a pensar que, pela nossa experiência, podemos ajudar as pessoas nas suas dificuldades especiais. Será que podemos? Podemos esperar que o nosso entusiasmo conduza a uma igreja viva e a um levantamento dos mortos espirituais? Será que é assim, de fato? Imaginaremos nós que, se conseguíssemos efetuar um grande avivamento no nosso meio, poderíamos facilmente acrescentar almas à igreja? Valerá a pena preocupar-nos em instigar avivamentos? Não reconhecemos que todos os avivamentos verdadeiros vêm lá do alto? Queremos convencer a nós próprios de que

tambores e trombetas, ou grandes alaridos, farão grande coisa. Meus irmãos, o Senhor não está no vento (1 Rs 19.11). Os verdadeiros resultados só vêm do Trabalhador silencioso, mas onipotente, que é o Espírito de Deus; nEle, e apenas nEle, devemos confiar, não só para a conversão de uma única criança da escola dominical, como também para a eclosão de um autêntico avivamento. Devemos olhar só para Ele, quando oramos em favor da comunhão e edificação das pessoas. O Espírito continua a afirmar, tal como afirmou nosso Senhor: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). O que seria da igreja de Deus sem o Espírito Santo? O que seria do Hermom sem o orvalho, ou do Egito sem o Nilo? Lembrem-se da terra de Canaã, quando lhe sobreveio a maldição de Elias, pois durante três anos não se viu chuva, nem orvalho. Exatamente assim ficaria a cristandade, sem o Espírito. O que seria dos vales sem os seus ribeiros, ou das cidades sem os seus poços; o que seria das searas sem o sol, ou das vindimas sem o verão? Assim também ficariam as nossas igrejas pela ausência do Espírito. Do mesmo modo que não podemos conceber o dia sem a luz, ou a vida sem a respiração, ou os céus sem Deus, também não podemos pensar ser possível haver um culto cristão sem o Espírito. Nada poderá substituí-Lo. Se Ele estiver ausente, os campos ficarão secos, a boa terra ficará coberta de mato, a flor de Sarom definhará, e o Carmelo será queimado pelo fogo! Abençoado Espírito do Senhor, perdoa a nossa ofensa por nos termos esquecido da tua Pessoa, por nos termos orgulhado da nossa auto-suficiência, por termos resistido às tuas influências e por termos extinguido a tua luz! A partir de agora atua em nós, segundo a tua própria excelência. Torna os nossos corações ternamente sensíveis ao Santo Espírito, faz-nos como a cola para o selo, e sela em nós a imagem do Filho de Deus. Com uma oração e confissão de fé assim, deixemos

que todo o nosso ser continue dominado pelo poder do bom Espírito, do qual estamos a falar.

Qual é a ação do Espírito Santo? Vejam, amados irmãos, o que haverá de bom que Ele não faça? É Ele quem vivifica, convence, ilumina, purifica, guia, guarda, consola, confirma, aperfeiçoa e usa. Quanto se poderia dizer sobre cada um destes temas! É Ele quem opera em nós o querer e o efetuar. Este, que tem realizado todas estas coisas, é Deus. Glória seja dada ao Espírito Santo, por tudo o que tem sido feito em criaturas tão pobres e imperfeitas como nós! Nada podemos fazer sem a seiva da vida que corre em nós, vinda de Jesus, a videira. Aquilo que é de nós mesmos, só serve para vergonha e confusão. Não poderemos dar um passo sequer em direção ao céu, sem a presença do Espírito Santo. Também nunca conduziremos alguém ao caminho celestial, sem o Espírito Santo. Tampouco poderemos ter um pensamento, uma palavra, ou uma ação com dignidade, sem o Espírito Santo. Até mesmo a mínima esperança ou a oração fervorosa, que procede de um coração ardoroso, deve ser obra dEle. Todas as coisas boas são dEle, do princípio ao fim. Não há aqui receio quanto a exageros. No entanto, será que transferimos esta convicção para o nosso procedimento diário?

Não vou me alongar mais sobre a atuação do Espírito de Deus; vou agora referir-me às nossas próprias experiências, fazendo uma ou duas perguntas. Seríamos capazes de recordar momentos em que o Espírito de Deus, em toda a plenitude do seu poder, tenha estado presente em nós e nas nossas congregações? Que momentos maravilhosos foram esses! Foram momentos muito elevados. Esses cultos fizeram lembrar a adoração de Jacó: “Na verdade o Senhor está neste lugar!” (Gn 28.16). Que comunicação maravilhosa entre o pregador e os ouvintes, quando ambos estão no Espírito de Deus! Os seus olhos parecem falar a nós

tanto quanto as nossas línguas lhes falam. As pessoas, então, apresentam um aspecto completamente diferente daquilo que são em ocasiões vulgares. Há mesmo uma certa beleza nas suas faces, enquanto glorificam o Senhor Jesus, e rejubilam, e bebem as palavras de nossa mensagem. Já viram, alguma vez, um pregador da escola modernista rejubilar ao pregar? Os nossos pregadores evangélicos alegam-se muito ao expor mensagens taxadas de “triviais” por nossos amigos liberais; mas os modernistas, na sua sabedoria, não sentem tal gozo. Será possível imaginar um “downgrader” ardendo com santo fervor? Com que argumentos secos eles descrevem a teoria pós-exílica! Fazem-me lembrar uma expressão de Ruskin: “O torno não traz alegria ao torneiro”. Garanto-vos que os tais não têm nada com que se alegrar, senão com a satisfação de chegar ao fim do seu trabalho de empilhar ossos sobre ossos secos. Estão diante de um cocho vazio, e divertem-se destruindo o próprio lugar do alimento. Eles terminam a sua pregação e continuam na sua monotonia habitual, até que chega, então, o desafio do futebol às segundas-feiras, ou o momento de diversão das crianças nas dependências da igreja, ou então o momento em que se faz na igreja uma reunião para se discutir política. Para os tais, pregar é “trabalho”, apesar de não fazerem grande esforço para isso. Os pregadores antigos e alguns dos que ainda vivem (considerados como “obsoletos”) vêem o púlpito como um trono, ou como uma carruagem triunfal, e sentem-se pertinho do céu, quando ajudados a pregar com poder. Pobres tolos somos nós, a pregarmos o nosso evangelho “antiquado”! Mas temos prazer no trabalho. As nossas doutrinas “sombrias” fazem-nos muito felizes. É estranho, não é verdade? O evangelho é, evidentemente, a essência e a nutrição para nós. Apesar de, certamente, ele não ser nada filosófico e ser considerado loucura, satisfaz-nos plenamente e nos torna muito

confiantes e felizes. Posso testemunhar, a respeito de alguns dos meus irmãos, que os seus olhos parecem iluminar-se de faíscas e as suas almas incandescer, quando pregam acerca da graça divina e do amor excelso. Assim, irmãos, quando gozamos da presença de Deus, nós e os nossos ouvintes, somos transportados a usufruir das delícias celestiais. Mas isto não é tudo. Quando o Espírito de Deus está presente, os crentes amam-se uns aos outros e não há lutas entre nós, a não ser a luta que cada um tem, por desejar amar cada vez mais. Então, a oração luta e triunfa, e o ministro semeia a boa semente e recolhe grandes colheitas. As conversões, as regenerações e o crescimento espiritual proliferam por todos os lados. Aleluia! Com o Espírito de Deus, tudo corre bem.

Será que vocês conhecem a situação inversa? Espero que não. É a morte ainda em vida. Já li sobre uma experiência científica em que um rato é colocado em um vidro, e, em seguida o ar é extraído, gradualmente, até que ele morre por asfixia. Ah, pobre rato! A medida que o ar diminui, o seu sofrimento vai aumentando cada vez mais e, por fim, quando já todo o ar tiver acabado, morre. Será que vocês mesmos, espiritualmente falando, já passaram por tal experiência? Espero que chegaram até ao ponto em que ainda era possível fugir, e quando mais depressa melhor. Certa vez alguém me disse: “Bem, quanto ao sermão que ouvi de um modernista, não havia mal algum nele, já que ele evitou as falsas doutrinas; no entanto, o assunto era tão frio, que eu me senti como se estivesse resvalando para um abismo no meio do gelo; senti-me oprimido, como se não fosse capaz de respirar o ar celestial”. Vocês conhecem este tipo de frio ártico; podemos ocasionalmente senti-lo, mesmo quando a doutrina é boa. Quando o Espírito de Deus se ausenta, até a própria verdade se torna em um grande bloco de gelo. Quão miserável é a religião, quando

gelada e sem vida! Quando o Espírito Santo se ausenta, desaparecem toda a energia e o entusiasmo. A cena faz lembrar aquela história descrita em "O Velho Marinheiro", em que o barco ficou parado, sem poder navegar mais:

O próprio fundo do mar apodrecia. Ai! que isto jamais aconteça! Sim, criaturas viscosas arrastavam-se sobre um mar viscoso.

Dentro do barco, tudo era morte. Situações como estas temos visto em igrejas. Outras linhas de Coleridge são aplicáveis àquelas igrejas que não merecem mais do que o apelido de "congregações de mortos". Ele descreve como os corpos daqueles mortos foram inspirados, e o barco começou a se movimentar, com cada homem morto a cumprir a sua função de maneira meramente formal e sem interesse:

O timoneiro tomou o leme, o barco começou a mover-se. No entanto, nem uma leve brisa soprava. Os marinheiros começaram todos a puxar as cordas, tal como era seu hábito fazer. Erguiam os seus braços como ferramentas sem vida. Éramos uma tripulação cadavérica.

Não existia qualquer espécie de comunicação entre eles, tal como nos conta o velho marinheiro:

O corpo do filho de meu irmão estava perante mim, joelhos contra joelhos. Esse corpo e eu puxamos uma corda, mas nem uma só palavra me dirigiu então.

É exatamente isto o que acontece com aquelas congregações "respeitáveis", onde as pessoas nem sequer conhecem umas às outras, e a tentação de distanciarem-se umas das outras suplanta o interesse de uma comunhão em santidade. Para o pregador, se for o caso de ele ser o único que continua vivo no grupo, uma igreja assim só lhe trará

dissabores. Os seus sermões são ouvidos por pessoas que não os entendem corretamente.

Fechou-se a noite, uma noite calma, com a lua alta; os homens sem vida mantinham-se juntos. Todos eles se mantinham juntos no convés, esperando seu espaço no depósito de ossos da masmorra. Fitavam-me todos com um olhar empedernido, que se refletia pelo brilho do luar.

Sim, a luz do luar de um pregador frio e desalentado cai nos seus ouvintes também sem maior luz. O discurso pode impressionar as suas mentes apáticas; fixam os seus olhos de pedra. Mas, e os seus corações? Bem, nestes ambientes os corações não são levados em conta. Corações têm a ver com vidas; mas sem o Espírito Santo, o que as congregações poderão conhecer sobre a vida verdadeira? Se o Espírito Santo se ausenta, reina a morte, e a igreja torna-se um sepulcro. Portanto, nós precisamos rogar-Lhe que habite em nós, e não devemos descansar até que Ele o faça. Irmãos, não permitam que este assunto a que me refiro agora caia em esquecimento; antes, procuremos de alma e coração que o poder do Espírito Santo habite em cada um de nós.

Será que já recebemos o Espírito Santo? Estará Ele em nós, agora mesmo? Se está, como poderemos assegurar a sua presença conosco, no futuro? De que modo poderemos constrangê-Lo a habitar em nós?

Primeiramente, eu diria que deveriam tratá-Lo como Ele deve ser tratado. Devemos adorá-Lo como Senhor Deus. Nunca nos refiramos ao Espírito Santo como se fosse uma coisa, nem falemos dEle como se tratássemos de uma mera doutrina, ou de uma influência, ou de um mito de ortodoxia. Que O reverenciemos, amemos e confiemos nEle com familiaridade, sem prejuízo da reverência que Lhe devemos. Ele é Deus; permitam que Ele seja o Deus de vocês.

Verifiquemos, a cada momento, se estamos agindo em conformidade com os seus propósitos. O marinheiro que navega para o leste não pode fabricar os ventos a seu bel-prazer, mas sabe quando é que os ventos alísios sopram e tira proveito da estação própria, para que o seu barco possa andar com maior velocidade. Avancem para o mar em sagrado espírito empreendedor, quando o vento vindo do céu os impulsiona. Aproveitem a sagrada maré cheia. Multipliquem as reuniões, quando sentirem que o Espírito Santo os está abençoando. Anunciem, então, a verdade mais diligentemente que nunca, porque o Senhor está abrindo os ouvidos e os corações para O aceitarem. Em breve verão que há orvalho à sua volta, indício de graciosa visitação. O lavrador costuma dizer: “Aproveitemos a ocasião, enquanto há sol”. Vocês não poderão fazer o sol brilhar; isto está além do seu poder; mas poderão fazer uso dele, enquanto estiver brilhando. “Ao ouvir o som que vem do topo das amoreiras, incline o seu ouvido.” Sejam diligentes em todo o tempo; mas, durante uma estação abençoada, sejam laboriosos duas vezes mais.

Sempre, no começo, na continuação e no término de qualquer bom trabalho, conscientemente e em verdade, dependam do Espírito Santo. Até mesmo o sentido da necessidade que se tem dEle também procede dEle; e as orações de súplica que Lhe são dirigidas, para que Ele habite em nós, emanam dEle. Vocês estão empenhados em executar uma obra tão espiritual, tão acima de qualquer poder humano, que esquecer o Espírito equivale a derrota certa. Certifiquem-se de que o Espírito Santo representa a condição indispensável dos seus esforços e cheguem mesmo ao ponto de Lhe dizer: “A não ser que o Senhor vá conosco, não nos leve mais adiante”. Confie somente nEle e dêem-Lhe toda a glória. Tenham isto especialmente em mente, dado que se trata de um ponto delicado: Ele não entregará a sua

glória a outro. Tomem cuidado em louvar o Espírito de Deus, no mais íntimo dos seus corações, e maravilhemo-nos, com profunda gratidão, que Ele condescenda em querer usar-nos. Agradem-Lhe ao glorificarem a Cristo. Prestem-Lhe homenagem pela obediência aos seus impulsos e por odiarem tudo o que O ofende. A consagração de todo o ser será o melhor salmo em seu louvor.

Há ainda algumas coisas que gostaria de trazer-lhes à memória, e então terminarei. Não se esqueçam que o Espírito Santo tem os seus caminhos e os seus métodos próprios e que há coisas que Ele nunca fará. Atendem para o fato que *Ele não faz promessas de abençoar compromettimentos próprios*. Se fizermos algum acordo envolvendo falhas ou pecado, isso será feito por nossa própria conta. Se fizermos algo sobre o qual temos dúvida, se faltarmos com a verdade ou a santidade, se formos amigos do mundo, se formos amantes da carne, se pregarmos com indiferença e estivermos aliados a heresias, então não teremos promessa alguma de que o Espírito irá conosco. A grande promessa que Ele nos faz enquadra-se num outro sentido completamente diferente: “Retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em cousas impuras; e eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso” (2 Co 6.17,18). Em todo o Novo Testamento, o nome “Senhor Todo-Poderoso” só aparece aqui e no livro de Apocalipse. Se quiserem saber quão grandes coisas o Senhor poderá fazer, como Senhor Todo-Poderoso, separem-se do mundo e dos apóstatas da verdade. O título “Senhor Todo-Poderoso” é uma citação tirada do Velho Testamento, evidentemente. “El-Shaddai”, Deus Todo-Suficiente, o Deus Forte. Nunca poderemos conhecer o imenso poder que nos socorre em nossas necessidades, enquanto não jogarmos fora tudo aquilo que é contra a vontade dEle.

Abraão foi sábio em dizer ao rei de Sodoma: “Nada tomarei de tudo o que te pertence” — uma luxuosa vestimenta babilônica, ou um presente de ouro! Não, não! Ele disse: “Nada tomarei... nem um fio, nem uma correia de sandália”. Foi uma afirmação que não admitia qualquer argumento como resposta. O homem de Deus não poderá ter nada a ver com os homens de Sodoma ou com falsas doutrinas. Se virem alguma coisa que entendam não ser de Deus, cortem isso totalmente de suas vidas. Afastem-se daquilo que tem se afastado da verdade. Então, sim, estarão preparados para receber a promessa, mas não antes disso acontecer.

Queridos irmãos, lembrem-se que onde quer que haja grande amor, aí haverá também grande ciúme. “O amor é tão forte como a morte.” O que diz a seguir? “E duro como a sepultura, o ciúme” (Ct 8.6). “Deus é amor” e, por essa razão, “O SENHOR teu Deus é Deus zeloso” (Dt 6.15).

Devemos afastar-nos de tudo que possa desonrar ou ofender o Espírito Santo, porque se Ele tiver se enfadado de nós, em breve seremos expostos à vergonha perante os nossos próprios inimigos.

A seguir, notem que *Ele não faz promessas aos que se portam covardemente*. Se permitirem que os receios humanos controlem as suas ações e quiserem livrar-se de sofrimentos ou zombarias, bem pouco conforto encontrarão nas promessas de Deus. “Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á” (Mt 16.25). As promessas do Espírito Santo para fortalecer-nos nas lutas são para aqueles que agem como homens e, pela fé, tornam-se ousados na hora de enfrentar os conflitos. Desejo que cheguemos ao ponto de nem dar satisfação àqueles que procuram nos caluniar ou zombar de nós. Oh! poder negar a si mesmo, como o mártir italiano mencionado por Foxe, no seu livro sobre márti-

res! Condenaram-no a ser queimado vivo na fogueira, mas ele ficou calmo ao ouvir a sentença. Porém, queimar os mártires, por maior prazer que isso desse a alguns, trazia-lhes despesas. O prefeito da cidade não queria gastar dinheiro em feixes de lenha para o evento; o padre, que tinha acusado o réu, também não queria fazer qualquer despesa pessoal com a fogueira para esse fim. Deste modo, os dois entraram em tremenda discussão, enquanto o pobre homem a quem se destinariam os feixes de lenha ainda não providenciados, permanecia calmo a ouvir as recriminações mútuas, que dirigiam um ao outro. Vendo que eles não chegariam a um acordo sobre o assunto, disse: “Cavalheiros, vou terminar esta discussão. É uma pena que cada um de vocês ache assim tão caro pagar a lenha para me queimarem, para a glória de Deus; por isso eu quero pagar a lenha que vai me queimar, se não se importam”. Há aqui um requintado toque de ironia, assim como de humildade. Eu não sei se seria capaz de pagar tal coisa. Mas eu próprio me sinto, por vezes, inclinado a ir ao encontro daqueles que são inimigos da verdade, a fim de ajudá-los a encontrar combustível para as críticas que pretendem fazer a meu respeito. Sim, sim, eu até serei capaz de me tornar mais “vil”, para dar-lhes mais motivos para queixas. Prossigo na controvérsia por amor a Cristo e nada faço para acalmar a indignação de alguns. Irmãos, se recuarem um pouco, se tentarem salvaguardar, um pouco que seja, a própria reputação, ao confrontarem-se com homens entregues à apostasia, vocês é que serão prejudicados. Aquele que se envergonhar de Cristo e da sua Palavra, nesta geração perversa, verá que também Cristo se envergonhará dele naquele dia.

Serei muito breve no que se segue. Lembrem-se sempre que *o Espírito Santo nunca colocará o seu selo onde entrar a falsidade*. Nunca! Se o que pregarem não for a verdade, Deus não estará ali. Coloquem muita atenção nisto.

Mais ainda, *o Espírito Santo nunca passa cheques em branco*. Seria falta de sabedoria da parte humana pensar que isto fosse possível, porque a santidade do Senhor jamais permitiria a Si mesma cometer tal loucura. Se nós não anunciarmos uma doutrina clara, com uma linguagem simples, o Espírito Santo não colocará a sua assinatura em nossas pregações vazias. Se não apresentarmos distintamente uma mensagem com Cristo e Cristo crucificado, poderemos dizer adeus a qualquer hipótese de sermos verdadeiramente bem-sucedidos.

Em seguida, considerem que *o Espírito Santo nunca poderá aprovar o pecado*. Abençoar o ministério de alguns homens seria o mesmo que aprovar os seus maus caminhos. “Apresentai-vos limpos, os que trazeis os vasos do Senhor.” O caráter deverá corresponder ao ensino; as suas igrejas deverão ser limpas daqueles que transgridem sem escrúpulos, antes que o Espírito Santo renegue o ensino, não pelo ensino em si, e, sim, por causa do sabor doentio provocado por vidas perversas, que desonram a verdade.

Quero recordar-vos, uma vez mais, que *Ele jamais encorajará alguém à ociosidade*. Não fiquemos à espera de que o Espírito Santo nos venha livrar das consequências que sofremos, devido à obstinada negligência pela Palavra de Deus e pelo seu estudo. Se quisermos nos dar ao luxo de andar de um lado para o outro durante toda a semana, sem nada fazermos, não percamos tempo com sonhos estranhos, ao subirmos ao púlpito, de que nessa ocasião o Senhor nos dirá o que convém falar. Se fosse verdade que ajuda era prometida aos que têm tal mentalidade, seria caso para dizermos que quanto mais preguiçoso fosse o pregador, melhor seria o sermão. Se o Espírito Santo falasse somente através do improvisado, quanto menos lêssemos a Bíblia, quanto menos meditação fizéssemos, melhor seria. Se o citar livros fosse errado, o “aplica-te à

leitura” (1 Tm 4.13) não deveria constar como mandamento. Obviamente, tudo isto é absurdo e certamente nenhum de vocês cairá em tal ilusão. Temos a obrigação de ocupar bastante tempo em meditação e de nos consagrarmos totalmente à Palavra de Deus, e à oração. Somente após termos assim nos ocupado é que poderemos esperar a aprovação e a cooperação do Espírito. Devemos preparar a mensagem como se tudo dependesse de nós; só então estaremos em condições de buscá-Lo com confiança, sabendo que tudo depende inteiramente dEle. O Espírito Santo não manda obreiros à sua seara, a fim de que passem o tempo dormindo entre os feixes, e, sim, para que os seus enviados suportem o fardo e o forte calor do dia. Devemos pedir que o Senhor envie obreiros de verdade à sua vinha, pois o Espírito dará força a esses obreiros; porém, Ele não será amigo de indolentes.

Recordemos, uma vez mais, que *o Espírito Santo não abençoará com o propósito de apoiar o orgulho de alguém*. É possível que desejemos uma determinada bênção, para parecer grande entre os homens. Tal atitude impedirá que sejamos bem-sucedidos, do mesmo modo que a flecha não acerta o alvo quando a corda do arco está desajustada. O que é que Deus poderá fazer com homens orgulhosos? Exaltá-los? Não creio. Herodes pronunciou um eloquente discurso e vestiu-se com uma deslumbrante roupa prateada, que reluzia ao sol. Quando o povo viu as suas vestes e ouviu a sua fascinante voz, gritou: “É voz de deus, e não de homem” (At 12.21-23); mas o Senhor o puniu e foi comido por vermes. Os vermes têm um direito próprio à carne orgulhosa, e, quando nos tornamos grandes e poderosos, eles ficam à espera de uma deliciosa refeição. “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16.18). Conservem-se humildemente em suas vidas, se querem ter o Espírito de Deus. O Espírito Santo não

tem prazer algum nas pregações dos orgulhosos, as quais são cheias de vento. Como poderia Ele ter? Será que Ele aprovará algum de nós, se trouxermos pretensiosamente a público um estilo sensacionalista? Ande humildemente com o seu Deus, ó pregador! Você não pode andar com Ele de outro modo qualquer; e, se o seu caminhar não for ao lado dEle, a sua caminhada será completamente vã.

Considerem também: *o Espírito Santo não fará morada onde houver conflito*. Tenhamos paz com todos os homens e, muito especialmente, façamos tudo para manter a paz em nossas igrejas. Alguns de vocês ainda não foram favorecidos com esta paz e possivelmente não são culpados por isso. É uma herança de antigos costumes feudais. Em muitas das pequenas comunidades, todos os membros da congregação são parentes uns dos outros, e esse relacionamento, geralmente, leva as pessoas a concordarem que devem estar em permanente desacordo. Quando acontece que alguém engana os seus parentes, a semente do rancor é semeada e estas coisas interferem até mesmo na vida da igreja. A tirania de seu predecessor no ministério pastoral pode ter estimulado brigas que continuarão durante muitos anos. Ele pode ter sido um homem de confrontações desde a sua juventude, e, até mesmo depois de morto, os espíritos que ele costumava chamar das profundezas continuam a assombrar o lugar. Tenho as minhas dúvidas que você possa ser abençoado, pois o Espírito de Deus não pode habitar em águas revoltas; Ele pousa somente em lugares onde o amor fraterno é praticado. Em defesa de grandes princípios e de uma conduta em santidade, podemos ter de pôr em risco a própria vida; que Deus afaste de nós tal procedimento com finalidades egoístas ou partidárias.

Finalmente, tenham sempre em mente que *o Espírito Santo só abençoará quando tudo estiver em conformidade com o seu propósito*. Nosso Senhor explica-nos qual é esse

propósito: “Ele me glorificará” (Jo 16.14). Ele veio com essa finalidade e não permitirá que aconteça algo que seja considerado menos do que isso. Se, portanto, não pregarmos a Cristo, o que terá o Espírito Santo a ver com a nossa pregação? Se não exaltarmos o Senhor Jesus Cristo glorificado, se não O colocarmos na mais alta esfera da consideração dos homens, se não fizermos tudo para que Ele seja visto como Rei dos reis e Senhor dos senhores, certamente não teremos o Espírito Santo conosco. Toda a retórica, música, arquitetura, energia e posição social, serão vãs. Se o nosso único desígnio não for o de glorificar a Jesus, estaremos trabalhando sozinhos e em vão.

Isto é tudo quanto tenho para dizer desta vez. Mas, meus queridos irmãos, só terá valido a pena, se depois das considerações vierem as aplicações práticas. Que tudo isto possa ter um efeito prático em nós! Assim será, se o grande Obreiro agir, e nada mais. Retornem à companhia dos homens de Deus que lideram e “sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder” (Ef 6.10). Como homens vivos de entre os mortos, avancem no estimulante poder do Espírito Santo; não encontrarão força em nenhum outro. Que a bênção do Deus Trino permaneça sobre todos vocês e sobre cada um em particular, por Cristo Jesus nosso Senhor! Amém.

APÊNDICE

Charles Haddon Spurgeon entrou no descanso de Jesus no dia 31 de janeiro de 1892, quando se encontrava em Menton, no sul da França. Alguns dias depois, realizava-se o seu funeral no Cemitério de Nordwood, em Londres, sendo sepultado em um determinado local que ele próprio tinha indicado a um amigo, pouco antes de sua morte. O Pastor Archibald Brown dirigiu o solene culto fúnebre, e quase não houve olhos que não vertessem lágrimas, quando, ao terminar, disse:

...Campeão de Deus! A tua longa batalha e nobre combate acabaram. A espada que estava em tua mão caiu finalmente; um ramo de palmeira tomou o lugar dela. Não mais o capacete premirá a tua testa, pela preocupação constante dos teus pensamentos vibrantes sobre combate; a coroa da vitória, entregue pela própria mão do grande Comandante, é a prova evidente de tua nobre recompensa...

Na verdade, estas palavras foram muito apropriadas acerca de alguém que tão resolutamente se empenhou naquela que é “A Maior Luta do Mundo”.

No ano anterior à sua morte, em 1892, Spurgeon realizou a palestra inaugural no College Conference, que se intitulava “A Maior Luta do Mundo”. Conforme suas próprias palavras, Spurgeon apresenta assim a sua pregação:

“Os temas por mim tratados têm relação à obra de nossa vida: a cruzada contra o erro e o pecado, na qual estamos envolvidos. Espero que todos aqui se revistam da cruz em seu coração, e estejam empenhados em trabalhar e enfrentar perigos por Cristo e por sua cruz, e não descansem enquanto não virem a derrota de todos os inimigos de Cristo e a plena satisfação da vontade dEle. Os nossos pais costumavam falar sobre ‘A Causa de Deus e da Verdade’. Realmente, é por este motivo que estamos armados, os poucos contra os muitos, os fracos contra os fortes. Oh! sermos considerados bons soldados de Jesus Cristo!”